



Vol. 1 - Nº 01 • Janeiro / 2021  
Editora In House

# Letras

sua revista de literatura

Poesia

Prosa

Livros

Escritores

Artes

Música

Cinema

Literatura

Turismo

Fotografia

História

LGBTQI+

Homenagem

Memória

Gastronomia

Aos 132 anos,  
posto que é imortal,

**Fernando Pessoa**  
está mais vivo do que nunca

Parafrazeando Marc Bloch, digo que a História é a Ciência da existência do ser humano pelo tempo e espaço.

Para tal, ciência e existência suplicam por um caminho, por conexões e assim temos a sociedade humana. Nem sempre o caminho foi belo, as conexões dessa complexidade são impermanentes, podendo trazer preocupações, dores, saudades e lembranças. Porém, para que essa saudade seja permeada por alegria, para que as lembranças evocassem doçura e felicidade a arte apresentou-se nos primórdios dos tempos como o alento, o sustentáculo para as realidades possíveis.

No vigésimo ano do século XXI, a sociedade humana volta seu olhar a um organismo que se reproduz apenas no interior das células, etimologicamente traz o sentido de veneno e/ou toxina. As culturas humanas reestruturaram seus costumes, suas tradições e tudo que parecia simples, tornou-se complexo. Assim como a Língua Portuguesa, a humanidade é dinâmica e modifica-se sempre que necessário, talvez, alguns digam o contrário. Não obstante, um exemplo agradável – quando ainda ocorria –, são os encontros sazonais ofertando a reunião de pessoas pelo mundo, na Índia temos, entre outros, o Kumbh Mela em Prayagraj; para os adeptos do Islã temos a Hajj, em Meca, na Arábia Saudita e para grande parte nós aqui no Ocidente, uma dessas festividades seria o Natal.

Para prevenção daqueles que amamos, parte da população optou pelo distanciamento social, quando necessário o contato com outras pessoas protocolos indicados por especialistas, embasados em estudos científicos foram utilizados. Porém, o Natal, da mesma forma como as outras festividades mencionadas, carece do contato entre aqueles que vivenciam o evento, aulas presenciais foram suspensas, empresas mudaram sua forma de trabalho... tudo virando História. E esse contato físico foi substituído pelo contato virtual, os dispositivos eletrônicos tornaram-se ainda mais indispensáveis (é indispensável mesmo?). O Natal teve abraço virtual dos netos em seus avós, aqueles que se foram mal puderam receber a despedida carinhosa dos seus, enfim... tudo mudou, mas uma centelha reiniciou durante essas sombras, o fogo humano: o desejo de mudar as realidades que vivemos e dessa maneira, trazermos a alegria, a doçura e a felicidade, e vieram através de livros, filmes, o convívio mais presente e as tão famosas “laivis” de música, teatro, política, literatura – *por exemplo, o Projeto Diálogos Poéticos, no canal da Editora In House, é sensacional!!!!*

E...

Mais uma vez a sociedade humana, a mesma que causou guerras, conflitos e destruições; a mesma que ao longo da História questionou sua existência; a existência do mundo e do Cosmos; a mesma que nos deu Fernando Pessoa, Chiquinha Gonzaga, Adoniran Barbosa, Eça de

Queirós, Jaqueline de Jesus e Ester Sabino, Carl Sagan e as descobertas da Ciência. Também nos deu a arte, desde as pinturas rupestres até esta Revista Literária à sua disposição, resultado incansável de diversas mentes e mãos que ao longo de 2020 e de suas vidas, buscaram diligentemente levar literatura, cultura, a arte em diversas formas para todas as pessoas que quisessem desse universo participar.

A Revista Literária *JLetras* retorna após uma pequena pausa, retorna agora para o mundo, seja São Paulo, Lisboa, Londres, Berlim, Nova Iorque ou Moscou... onde quer que esteja receba o carinho e o abraço da equipe *JLetras* por meio das leituras que se seguirão.

*“Sei que meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor.”*

**Madre Teresa de Calcutá**

#### EQUIPE DE JLETRAS 2021

**JLetras** é uma publicação literária coletiva editada pela Editora In House, com a finalidade de revelar novos escritores bem como divulgar o trabalho de escritores do mundo todo. É uma publicação gratuita e divulgada on-line para ser baixada no site da Editora In House – [www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br)

**Editores:** Márcio Martelli e José Felício / **E-mail:** [editorainhouse@gmail.com](mailto:editorainhouse@gmail.com)

**Conselho Editorial:** André Argollo, Carlos Thompson, Jefferson Dieckmann, João Carlos José Martinelli, Jorge Trigo, José Felício, Márcio Martelli, Renata Iacovino, Rosalie Gallo, Susana Ferretti, Thyaty Marcondes.

**Revisão gramatical:** José Felício e Renata Iacovino

**Fotos ilustrativas:** [www.freepik.com](http://www.freepik.com)

#### EDITORIAS / RESPONSÁVEIS

**Artes plásticas:** Caetano Imbo e Rosalie Gallo

**Charges / Ilustração:** José Felício

**Cinema:** Susana Bueno

**Cultura Pop e conteúdo literário:** Ana´s Literárias

**Educação:** Bel Lopes

**Entrevistas:** Carlos Thompson e Márcio Martelli

**Filosofando:** José Felício

**Fotografias:** João Carlos José Martinelli,  
Jorge Trigo e Márcio Martelli

**História:** Aristides Almeida Rocha e  
João Carlos Martinelli

**Letras gastronômicas:** Maria Teresa Spochiado

**LGBTQI+:** Kelly Cristina Galbieri,  
Camila Godoi e João Daniel

**JLetrinhas:** Sandrinha Torres e Kelli C. C. de Lima

**Jovem escritor:** José Felício

**Lançamentos:** Grupo Palavras Sem Fronteiras

**Memória Literária:** Tatiana Rosa

**Mensagens/Pensamentos:** Gabriela Bonavita

**Mundo afora:** Rebeca Mansfield e Jorge Trigo

**Música:** Marta Corrêa e Nilton Gutierrez

**Pelo Brasil:** Jefferson Dieckmann e Rosalie Gallo

**Poesia:** Susana Ferretti, Renata Iacovino  
e André Argollo

**Prosa:** Thyaty Marcondes, Bruno Marin  
e Fabio Spina

**Turismo Literário:** Vania Negoro e Marco Costa

**#tbt:** Márcio Martelli

**Colaboradores:** Grupo Palavras sem Fronteiras

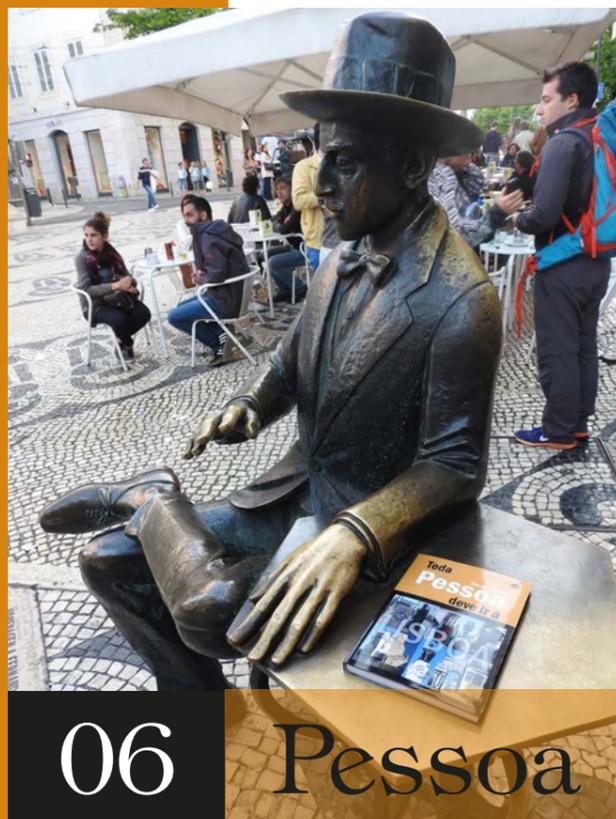
*Todos os direitos desta publicação reservados e protegidos à Editora In House nos termos da Lei nº 9.610, de 19/02/1998.*

*Os textos aqui publicados são de responsabilidade dos autores que os assinam e não representam, necessariamente, a opinião da editora.*

**Editora In House** - Rua do Retiro, 1371  
Jardim Paris - CEP 13.209-201  
Jundiaí, SP, Brasil, janeiro de 2021.



Baixar gratuitamente JLetras em: [www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br)



## 06 Pessoa

### FERNANDO PESSOA

Aos 132 anos, posto que é imortal [...].....	6
Proseando com Pessoa.....	9
Fernando.....	10
A pessoa do Fernando.....	12
Fábula.....	13
Homenagens a Pessoa.....	14
Poeta dos poetas.....	14
Recadinho ao poeta.....	14
Pessoa no Século XXI.....	15

### PROSA

Um dedo de prosa.....	16
O son(h)o de Lorenzo.....	18
Coração de Oceano.....	22
A magia da fábrica de pirulitos.....	24
Camila.....	25
O homem só.....	81

### POESIA

Na madeira.....	26
Canções e Momentos.....	27
Renascer.....	28
Memórias do amanhecer.....	29
Sonhos.....	30
O meu Natal... (ao meu pai).....	31
Só para o meu prazer.....	32
Em busca.....	32
Doçuras da vida.....	33
Pegadas no Universo.....	34
Só o silêncio... ..	35
Agonia de um guru.....	36
Não saber.....	37
Sem tema.....	38
A renovação da vida.....	39
O menino e o cata-vento.....	94

### LGBTQI+

Barbary Lane é um eterno Natal.....	40
-------------------------------------	----

### JOVEM ESCRITOR

Tempo e dia, dia e tempo.....	41
-------------------------------	----

### CULTURA POP

Ana´s Literária Conteúdo Literário.....	42
---	----



## 54 Arte

### JLETRINHAS

Participação especial.....	44
Ela chegou!.....	44
2020 é considerado um ano?.....	44
Dica de leitura!.....	45
Era uma vez.....	46
Monteiro Lobato.....	48
Medo.....	49

### MÚSICA

João Rubinato.....	50
--------------------	----

### CINEMA

A Sétima Arte.....	52
--------------------	----

### ARTE

O espelho de nós mesmos.....	54
A respeito de Newton Malvezzi.....	58

### EDUCAÇÃO

O Cérebro e o Corpo Humano.....	61
---------------------------------	----

### FOTOGRAFIA

FotoPoesia.....	64
Fotografias: Além de apreciadas [...].....	66

### #TBT

Coisa nossa!.....	69
-------------------	----

### MEMÓRIA E MOMENTOS

O Gabinete - Jornal mimeografado [...]... ..	70
Mia Couto.....	71

### MUNDO AFORA

O Conselheiro Acácio [...].....	72
Londres: um céu cinzento [...].....	76

### FILOSOFANDO

Existindo?.....	82
-----------------	----

### TURISMO

Um pequeno giro pela Praga [...].....	84
---------------------------------------	----

### LETRAS GASTRONÔMICAS

A tradição da ceia de Natal.....	88
Perfume de romã.....	90

### PENSAMENTOS

Enfim.....	92
------------	----



## 76 Mundo



## 84 Turismo

Aos 132 anos, posto que é imortal,

# FERNANDO PESSOA

está mais vivo do que nunca

por Carlos Thompson  
Jornalista, escritor e poeta

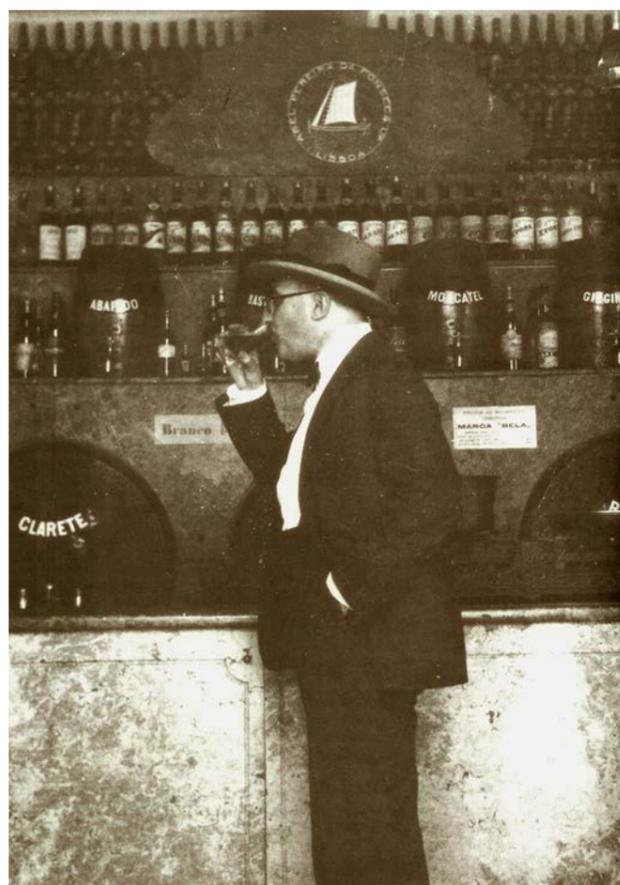
Em se tratando de Fernando Pessoa, ficaria estranho somente dizer que, em 30 de novembro, se passaram 85 anos de sua morte. Porque, certamente, hoje ele está cada vez mais vivo e vibrante, com seus poemas, heterônimos e toda a aura que envolve seu nome. Quem nunca afirmou: *“tudo vale a pena, se a alma não é pequena”*?

Ele começou sua vida com um nome pomposo: Fernando António Nogueira Pessoa. Com o passar das rimas e de suas personas – Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Bernardo Soares e outros mais – virou Fernando Pessoa, entre um trago e outro de absinto ou de aguardente.

Hoje, basta um Pessoa, e já somos transportados à sua obra, aos seus mistérios e ao seu desaparecimento precoce, aos 47 anos, por cirrose hepática ou pancreatite (há divergências sobre a causa).

Nascido em 13 de junho de 1888, em Lisboa, não se pode limitá-lo ao século XIX. Nem ao XX. Se ainda houver planeta e terráqueos dentro de três séculos, dificilmente não terão interesse, por exemplo, por sua definição de poeta:

*“O poeta é um fingidor,  
Finge tão completamente,  
Que chega a fingir que é dor,  
A dor que deveras sente”.*



Fotos: Divulgação / Domínio público

Fernando Pessoa em flagrante delicto.

Perfeito e quase centenário, este poema foi escrito em 1925! Mais atual, impossível, com ou sem pandemia de coronavírus.

E a referência a não ser nada, mas, à parte disso, ter em si todos os sonhos do mundo, magistralmente cravada, a rima e dor, em *“Tabacaria”*?

Foi educado na África do Sul. Fluente em inglês, escreveu belos poemas também neste idioma. Mas foi manejando o português com maestria única, que se tornou imortal. Aos cinco anos, ficou órfão de pai, que foi vitimado pela tuberculose, aos 43 anos.

Sua mãe casou-se novamente. Seu padrasto era cônsul português em Durban, África do Sul, razão pela qual residiu quase uma década naquele país. Em 1905, retornou sozinho para Portugal.

Com a herança da avó, montou uma pequena tipografia que faliu rapidamente. Trabalhou toda a sua vida como tradutor de correspondências comerciais. Frequentava a cena literária lusitana no café *A Brasileira*, no Chiado. Mais tarde, “adotou” o café *Martinho da Arcada*.

Com o heterônimo Álvaro de Campos, participou dos dois polêmicos números da revista literária *Orpheu*, que lançou o movimento modernista em Portugal. Esteve à frente, também, da revista *Athenas*, na qual publicou poemas de Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, e de Fernando Pessoa mesmo.

Deve-se ressaltar que os heterônimos de Pessoa eram personalidades completas, distintos entre si, como se ele fosse vários poetas a um só tempo. Seu talento era tão imenso que não caberia em apenas um ser. Precisava ser vários, e era.

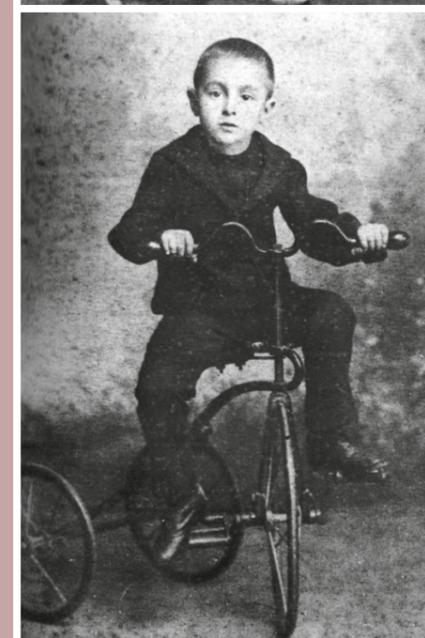
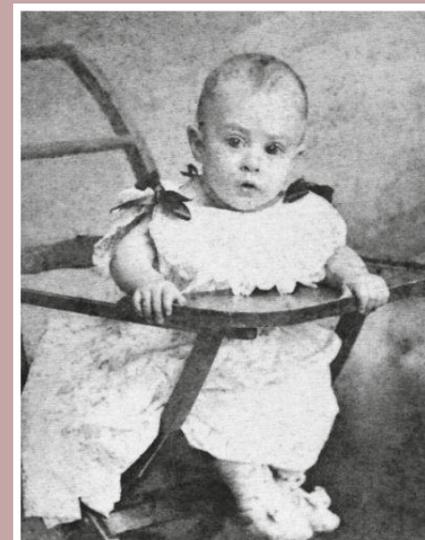
Álvaro de Campos era um engenheiro de educação inglesa e origem portuguesa, revoltado e crítico, até niilista.

Ricardo Reis, por sua vez, era médico que se definia como latinista e monárquico. Teria se mudado para o Brasil após a proclamação da República em Portugal.

Alberto Caeiro teria vivido toda a sua vida como camponês, apenas com instrução primária.

Bernardo Soares era um ajudante de guarda-livros em Lisboa, que conheceu Pessoa num pequeno restaurante. Foi aí que o poeta teve acesso ao livro de Soares.

E Fernando Pessoa? Politicamente, manifestou-se contra a ditadura de António Salazar, que comandou Portugal inspirado no fascismo.



Declarava-se cristão gnóstico, oposto a todas as igrejas organizadas. Tinha forte interesse na Maçonaria, Ordem Rosa-Cruz e fazia horóscopos. Chegou a conhecer pessoalmente o ocultista Aleister Crowley.

#### Por onde começar

Se você ainda não leu Pessoa, há uma boa e uma má notícia. Vamos começar pela negativa: você ainda não ingressou no mundo mágico deste poeta e de seus heterônimos. Ainda não leu o maior poeta da língua portuguesa e, muito provavelmente, do mundo em todos os tempos, inclusive futuros.

Por outro lado, ainda tem um mundo novo a descobrir e terá muito prazer e crescimento pessoal ao ler Pessoa.

O site Estante Virtual <https://blog.estantevirtual.com.br/2018/06/13/7-livros-inesqueciveis-de-fernando-pessoa/>, que reúne sebos de todo

o Brasil, sugere sete: *Mensagem*; *Ficções do Interlúdio*; *Livro do Desassossego*; *Poemas Completos de Alberto Caeiro*; *Poemas de Álvaro de Campos*; *O Eu profundo e outros Eus* (antologia) e *O Banqueiro Anarquista*.

Aviso de spoiler: você vai adorar todos, e querer mais. Leia também “*Fernando Pessoa: Uma quase autobiografia*”, magnífica obra de José Paulo Cavalcanti.

#### Toda Pessoa em Lisboa

Márcio Martelli é um contador de histórias e escritor nascido em Jundiá. Editor de livros com mais de 900 títulos produzidos. Em 2016, lançou na 86ª Feira do Livro de Lisboa e no Espaço T (Sala Unesco), na cidade do Porto, o livro: *Toda Pessoa deve ir a Lisboa*, em que percorre, ao lado de Fernando Pessoa redivivo, as ruas e os monumentos de Portugal. Este Pessoa foi entrevistado, literariamente.

#### Como foi reviver e, novamente, percorrer seus locais preferidos em Lisboa?

FP – Quando cá estive com MM a percorrer novamente a minha linda Lisboa, foi como se o tempo nunca tivesse passado. Claro que as surpresas foram muitas, o futuro assustou-me um tanto. Mas pude cá perceber que por mais que o tempo passe ainda é aqui o meu lugar.

#### Qual o lugar mais importante para você, afetivamente?

FP – Estou cá a pensar no local onde Ophelia morava... porém, definitivamente, A Brasileira e o Martinho da Arcada marcaram minha vida. Tenho imensa saudade dos amigos que lá fiz.

#### O que você estaria escrevendo hoje?

FP – Oras, poesia, como não? Talvez fosse ainda mais ácido e crítico como não pude ter sido em outra época. Acho que estaria envolto nessas modernidades às quais fui apresentado. Quem sabe leria poesias em lives para o mundo todo. Olha só, quem diria que um dia eu pudesse pensar em algo do tipo...

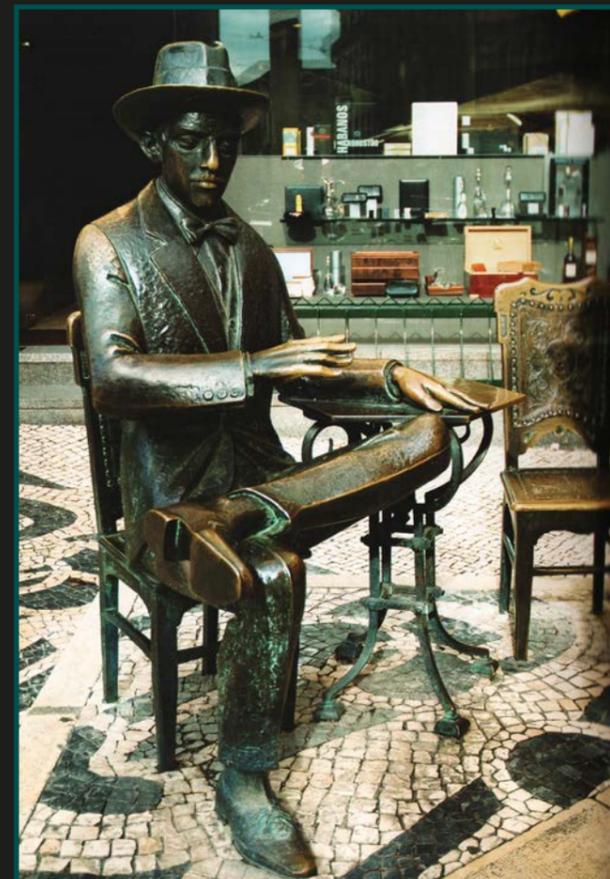
#### Nestes tempos de culto à saúde e ao corpo, você frequentaria uma academia de ginástica, não iria mais à tabacaria e limitaria o consumo de aguardente?

FP – Estás a me contar piadas? És, por acaso, um parvo? Reunir-me com amigos, bebericar vinho, aguardentes e outras delícias fazem parte da alma da literatura. Gostava de estar sempre por lá. Mas uma pergunta a ti: há quem abandone a tabacaria e os amigos para exercitar-se?? Que mundo estranho...

#### Lisboa se tornou um dos principais destinos turísticos da Europa. É uma cidade mais rica e desenvolvida. Qual Lisboa está em seu coração?

FP – Lisboa está sempre em meu coração. Se pudesse voltar a viver, voltaria a Lisboa. Percorreria as mesmas ruas e escreveria muito mais sobre minha cidade amada. E como já disse, a Lisboa do século XXI traz em si as características da velha cidade. Nada mudou. Apenas esse tal GPS que faz com que ninguém mais de perca nas direções. Modernidades...

## Proseando com Pessoa



Nas fotos com Pessoa: Kelly, Ruth, Júlia, Nerci, Manoel, Márcio e Carmen.

Lisboa é um encanto, em cada canto há o que se fotografar para memorizar. Mas existe um cantinho todo especial no Chiado que é o cenário ideal para fotos de todos os que visitam a cidade: a estátua de Fernando Pessoa defronte o café *A Brasileira*, local onde o escritor costumava frequentar para uma roda de prosa com os amigos e intelectuais da época. E continua assim até hoje. Vamos prosear com Pessoa!



# FERNANDO

por Rosalie Gallo y Sanches  
Professora, escritora e poeta

Nasceu franzino, o menino. Irônica e inesperadamente, sobreviveu.

Maria Madalena, parturiente pela primeira vez, olhou-o com carinho e apreensão, quando o pegou nos braços, ainda sujo do parto difícil. Não chorava nem sorria, já taciturno. E costumava não abrir os olhos. Senão para não ver o mundo, para dele se esconder.

Demorou quase cinco anos para nascer seu irmão, a quem Fernando olhava como se fosse um brinquedo que pudesse se quebrar. Talvez sentisse que sua vida não seria plena de alegrias pois, em poucos meses viu a morte lhe arrebatando o pai, primeiro, e depois o irmãozinho. Não tinha tido tempo sequer de ter se acostumado à presença dos dois...

Maria Madalena, determinada a sofrer, reultou às investidas de um segundo pretendente mas acabou cedendo e se casou por procuração, com um comandante representado por um irmão, general. Podia se dar por satisfeita porque o novo marido assumia seu filho e tinha previsão de um futuro garantido como jovem viúva que era e como mãe do silencioso Fernando. Ele tinha então pouco mais de sete anos. De natureza fechada, o menino crescia sempre isolado e se precisava se apresentar, o fazia de forma a ressaltar seus defeitos para que as pessoas o ridicularizassem através de si mesmo e não às escondidas. Olhava para o vazio, prestava atenção ao ar e tomava notas do que parecia ouvir.

Não tinha completado nove anos quando nasceu sua primeira meia-irmã. Dois anos depois, sua segunda. Mais um ano, outro meio-irmão.



Fotos: Divulgação / Domínio público

Outro ano e meio, outro meio-irmão. Aos 14 anos e meio de idade vê nascer seu quarto meio-irmão e, um ano e meio depois, sua última meia-irmã. Assim a casa se repovoava. Mas a morte rondava, insistente.

Em pouco tempo morrem sua segunda meia-irmã e, por fim, sua irmã caçula. Observava a mãe, resignada e sabia sentir sua dor. Mas em silêncio, sempre. Acabou vendo por fim o próprio padrasto morrer e assistiu à mãe com desdobrado amor. Despovoava-se seu derredor. Mas, Fernando não se sentia só. E escreve abundantemente. “Finge tão completamente que finge sentir que é dor, a dor que deveras sente...” E nessa vida mascarada se cercava de amigos poetas, como ele.

O primeiro havia inaugurado o contato e pouco tempo depois sumira. Um, todo antigo, escrevia rimado; um outro era mais existencialista. Apesar

de tudo, sobrava espaço para ele mesmo. E todos foram devidamente apresentados. Literariamente reconhecidos.

Presume-se que Álvaro tenha nascido um ano depois de Fernando, tendo sido levado a público depois de maduro. Aos seus 26 anos, Fernando apresenta Alberto. Meses após, apresenta Ricardo. Todos distintos autores, todos com seu estilo próprio, todos aprovados pelo mestre Fernando.

Cresceram juntos, todos. E morreram todos, cada um a seu tempo.

Jorge de Sena, saudoso professor de Literatura Portuguesa, declamava Pessoa como ninguém. Jamais vi alguém declamar Pessoa com tanto vigor. O acento português que trouxe e guardava com carinho no bolso sempre rasgado do paletó surrado presenteava a nós, alunos adolescentes de Literatura Portuguesa, um Pessoa que passaria a habitar dentro de cada um, irremediavelmente. Falava de um Fernando amigo, de alguém que sabia sentir e expressar seu sentimento mais profundo. Fazia que nossos corações fossem tocados pela dor.

Dizem que nascemos sós, crescemos sós, morremos sós. Dizem que ao nascer, estamos concretamente ligados às nossas mães pelo cordão umbilical. Delas apartados, rompido esse vínculo, que magia é essa que passa a nos guiar e a nos acompanhar para sempre, fazendo-nos refletir não apenas sobre a Vida mas também sobre a Morte? Seria essa solidão existencial a responsável pelo nosso eu pensante?

Sim, nascemos só, às nossas expensas. E choramos quando nos desligam do útero que nos abrigou por quase um ano. Sim, vivemos sós. Nenhuma experiência nos é transmitida e nem podemos transmitir a ninguém as experiências que temos. Entretanto, nossos diferentes olhares, se expressos com arte, oferecem pistas.

Na verdade, somente a alguns é dado o talento de saber expressar devidamente seu sentimento de mundo, como dizia nosso Drummond. Somente a alguns raros cabe a felicidade e a responsabilidade de ter amigos verdadeiros, de nunca estar só, de não saber jamais o que é estar camonianamente só, mesmo estando “por entre a gente”. De ser vários em um. De ser um Pessoa múltiplo. Para estes eleitos, professor Sena, nunca “é tarde, muito tarde, na noite...”

Meu preto de respeito e admiração a todos os artistas que sabem que não estão sós.



*A minha querida mãe*  
Les me yeux sur Portugal  
Sur terre onde on naît,  
Par un air qui porte d'illots,  
Ainda gait-mas de ti.

Fernando Pessoa.  
26-7-95.



Fotos: Divulgação

## A pessoa do Fernando

por Maria Teresa Spochiado  
Escritora e poeta

Todas as pessoas têm alguma história para contar, onde a comida exerce o papel de protagonista. E com ele não foi diferente.

Fernando Pessoa, além de um apetite voraz pelas letras, tinha lá suas preferências por alguns pratos da culinária portuguesa.

Essa pessoa, o Fernando, cultivava os seus hábitos. Entre eles, religiosamente às 19 horas, sentava-se num determinado bar para saborear a sopa do dia, mas era o famoso caldo verde preparado com linguiças e couve que o deixava mais satisfeito.

Sobre o comer escreveu: *“Comamos, bebamos e amemos (sem nos prender sentimentalmente à comida, à bebida e ao amor, pois isso traria mais tarde elementos de desconforto)”*.

Convenhamos, ele estava certo, mas acho que só ele mesmo conseguiria essa façanha. Ou será que nem ele conseguiu?

O poeta, Fernando Pessoa, fez constar em sua literatura muitas citações sobre a comida, como os ovos com chouriço, a dobrada à moda do Porto, chocolates e outras delícias. Mas sua predileção era mesmo pelo arroz doce, abertamente declarada no seguinte verso:

*“Ai os pratos de arroz doce. Com as linhas de canela! Ai a mão branca que os trouxe! Ai essa mão ser a dela!”*

O arroz doce teria chegado à Europa provavelmente pelos orientais, pois os árabes já produziam açúcar desde o século VII, melhorando processos descobertos na Índia, quando a iguaria era chamada de “sarkara”, que em sânscrito significa “grão doce”, entre outras denominações. O arroz com açúcar era costumeiramente servido em festas de casamento na Índia, e com a adição de coco e fatias de manga na Tailândia.

Há ainda as receitas que lhe acrescentam gemas, raspas de limão e laranja, leite condensado, ou muita canela polvilhada, este último imortalizado em sua poesia.

Podemos nos inspirar em sua literatura e tentar vivenciar também as suas experiências gastronômicas.

Juntando os grãos de arroz aos de açúcar, assim como ele juntou as letras em sua poesia, alimentaremos o corpo e também a alma.

*“A fome só se satisfaz com a comida e a fome de imortalidade da alma com a própria imortalidade. Ambas são verdadeiros instintos.”*

## Fábula

por Fernando Pessoa  
Escritor e poeta português  
Colaboração de Thaty Marcondes

Num fabulário ainda por encontrar será um dia lida esta fábula:

A uma bordadora dum país longínquo foi encomendado pela sua rainha que bordasse, sobre seda ou cetim, entre folhas, uma rosa branca. A bordadora, como era muito jovem, foi procurar por toda a parte aquela rosa branca perfeitíssima, em cuja semelhança bordasse a sua. Mas sucedia que umas rosas eram menos belas do que lhe convinha, e que outras não eram brancas como deviam ser. Gastou dias sobre dias, chorasas horas, buscando a rosa que imitasse com seda, e, como nos países longínquos nunca deixa de haver pena de morte, ela sabia bem que, pelas leis dos contos como este, não podiam deixar de a matar se ela não bordasse a rosa branca.

Por fim, não tendo melhor remédio, bordou de memória a rosa que lhe haviam exigido. Depois de a bordar foi compará-la com as rosas brancas que existem realmente nas roseiras. Sucedeu que todas as rosas brancas se pareciam exatamente com a rosa que ela bordara, que cada uma delas era exactamente aquela.

Ela levou o trabalho ao palácio e é de supor que casasse com o príncipe.

No fabulário, onde vem, esta fábula não traz moralidade. Mesmo porque, na idade de ouro, as fábulas não tinham moralidade nenhuma.

PESSOA, Fernando. Ficção e Teatro. (Introdução, organização e notas de António Quadros). Mem Martins: Europa-América, 1986 - 69. 1ª publ. in **O Jornal**, nº1. Lisboa: 4-4-1915.

## Homenagens a Pessoa

### Poeta dos poetas Ivone Piccinato de Freitas

Estão guardadas comigo  
Em segredo  
As tuas poesias  
Vivem em mim  
Impregnadas  
Mesclam-se com meu espírito  
Delas faço muitas asas  
Nelas viajo  
Crio momentos do cotidiano  
Bebo em tua companhia  
Um café  
Um cálice de vinho tinto e doce  
Passeio contigo na beira do Tejo  
Ando muito bem acompanhada  
Tu és minha companhia de alma  
Na fria Lisboa  
Enebria de teus versos  
Estamos juntos  
Amigo poeta  
Dos poetas  
Fernando Pessoa



Túmulo de Fernando Pessoa,  
no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.



### Recadinho ao poeta

Júlia Heimann

Respndei-me ó Pessoa  
Se queres ser venerado  
Porque teu nome ressoa  
E és, por nós, admirado!

Todos aqui te veneram  
Pois tiveste alma sensível  
Palavras do bem tiveram  
Teu valor é indiscutível!

O teu fã é escritor  
Que muito te enaltece  
É também um editor  
Que a todos engrandece!



A cama do poeta, Casa Fernando Pessoa, em Lisboa.

## Pessoa no Século XXI

Além do livro *Toda Pessoa deve ir a Lisboa*, o escritor Márcio Martelli tem escrito outras obras reverenciando Pessoa, entre elas, *Pessoinha - Fernando Pessoa para crianças - Vol I e II*. Com lançamento previsto para 2021, Pessoa no Século XXI traz uma releitura das poesias do poeta. Em primeira mão, uma das poesias do livro.

### Alberto Caeiro Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,  
Não há nada mais simples.  
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.  
Sou fácil de definir.  
Vi como um danado.  
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.  
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.  
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.  
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas das outras;  
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.  
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.  
Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.  
Fechei os olhos e dormi.  
Além disso, fui o único poeta da Natureza.



Na Livraria Bertrand,  
no bairro Chiado, Lisboa.

Márcio Martelli  
Legado

Tenho pensado na minha partida  
E, também, não tem como não, no meu legado  
O que deixo será bom o suficiente para perpetuar  
Na história ou será bom lixo a ser despachado?  
Não importa!  
Vivi os dias que quis viver  
Fui feliz sempre que pude ser  
Chorei tantas vezes que me foi possível  
E se não fiz tudo o que queria  
Foi porque não quis  
Não fujo ao destino que me foi ofertado  
Realizei o que me foi possível  
E se falhei, falhei por preguiça ou incompreensão  
E se não tenho méritos, também não tenho arrependimentos  
Quando me for, solte a música ao ar  
E cante a poesia vivida em forma de melodia  
É assim que quero ser lembrado.



Túmulo de Fernando Pessoa,  
no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.

# Um dedo de prosa

por Thaty Marcondes, Fabio Spina e Bruno Marin  
Escritores e poetas

*É domingo e não tenho que fazer. Nem sonhar me apetece, de tão bem que está o dia. Gozo-o com uma sinceridade de sentidos a que a inteligência se abandona. Passeio como um caixeiro liberto. Sinto-me velho, só para ter o prazer de me sentir rejuvenescer.*

*Livro do Desassossego* – Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa)

É com muito orgulho que damos início a esta sessão sobre prosa no retorno da *JLetras*! Neste cantinho, você terá em cada edição informações sobre o mundo da prosa.

Nas primeiras edições, daremos dicas e ideias para quem tem interesse em começar a se aventurar neste estilo de escrita ou para os que já se aventuraram, mas ainda têm algumas dificuldades.

Esperamos, com isso, auxiliar no seu processo criativo.

Uma das dúvidas mais frequentes refere-se às diferenças entre os diversos tipos de prosa, como por exemplo crônicas, contos, novelas e roman-

ces. Neste artigo, pincelaremos a diferença entre **conto e crônica**.

**Começando pela crônica:** uma crônica é um texto que busca relatar o cotidiano e é frequentemente encontrada em textos de jornais, blogs e revistas. Normalmente, é desenvolvida em linguagem coloquial simples, utilizando de primeira pessoa e comumente com toques de humor ou ironia, não sendo esta uma regra, mas sim uma característica do gênero, que tem como objetivo dialogar com o leitor, aproximando-o do assunto e do autor e criando, assim, uma intimidade e identificação entre os dois.

Uma boa crônica é capaz de capturar situações banais do dia a dia e trazer uma visão criativa sobre elas. Além disso, nos faz refletir acerca de como nos sentimos nessas situações.

A palavra crônica vem do latim *chronica* e do grego *krhónos* (tempo), e possuía como significado o relato de acontecimentos em ordem cronológica, ou seja, um registro cronológico de fatos.

**Já um conto**, por outro lado, é uma narrativa ficcional curta e geralmente com um único conflito/clímax, possui poucos personagens e sua narrativa conta com tempo e espaço reduzidos, normalmente envolvendo apenas um acontecimento relevante/drama.

Apesar de fictício, o conto pode ou não se basear na realidade. Como regra geral, sempre se divide em três partes:

1. **Começo** – onde o escritor narra a situação e contextualiza o ambiente (local, personagens, etc...), e termina normalmente com um acontecimento que vai nos levar a segunda parte.
2. **Meio** – onde acontece o desenrolar da história, todo o caminho do personagem para resolver sua situação, até chegarmos ao...
3. **Fim** – a conclusão dos acontecimentos e encerramento do texto.

Tanto as crônicas quanto os contos podem ser classificados em vários tipos – assunto que trataremos num futuro próximo. Porém, convém ressaltar que o conto tem classificações informais a depender do número de caracteres que o compõe. Hoje em dia, por exemplo, com o advento da internet e das redes sociais, tornaram-se mais conhecidos do público os chamados minicontos, microcontos ou nanocontos, espécie de conto muito pequeno, produção esta que tem sido associada ao minimalismo.

A teoria literária ainda não os reconhece como um gênero à parte, o que evidencia que as características do que chamamos de miniconto são diferentes das de um “conto pequeno”. No miniconto, muito mais importante que mostrar é sugerir, deixar ao leitor a tarefa de preencher as elipses narrativas, bem como compreender a história. Nessa linha, um dos autores brasileiros que mais utiliza o recurso de pequenos ou mínimos contos, com uma extrema capacidade de síntese sem perder a narrativa — econômica, ressaltamos —, é o escritor paranaense Dalton Trevisan, premiado contista que teve projeção nacional escrevendo seus pequenos relatos, cada vez mais concisos, mas nem por isso menos expressivos, e repletos de histórias.

*Não fale, amor.  
Cada palavra,  
um beijo a menos.*

Dalton Trevisan,  
no livro *111 ais*

inspire

## O son(h)o de Lorenzo

por Marília Ferreira Emmi

Fazia um mês que Lorenzo completara 80 anos. Como de costume, todas as tardes, sentava-se numa cadeira de balanço, na calçada de sua casa, para apreciar as brincadeiras de seus netos. Os rostos da criançada exibiam traços italianos e espanhóis, uma vez que eram frutos da união de Lorenzo com sua amada Dolores.

Mas nessa tarde, algo diferente acontece no coração desse imigrante. Pouco a pouco se distancia da costumeira apreciação dos folguedos infantis e é movido por uma necessidade imperiosa de revisitar seu passado. Contempla o céu do entardecer e vê nos flocos de nuvens momentos que, com diferentes matizes, marcaram sua vida.

Ganham cores nítidas em seus pensamentos as conquistas, as aventuras e desventuras de imigrantes europeus que – como seu pai italiano e seu sogro espanhol – acreditaram um dia, nas oportunidades de uma vida melhor na longínqua Amazônia. Essa terra, tão elogiada na fantasiosa propaganda veiculada na Europa, povoava o imaginário dos imigrantes que para ela se deslocaram, no rastro das riquezas da economia da borracha.

Gennaro, seu pai, muitas vezes lhe falou da situação de empobrecimento e falta de oportunidade de trabalho em sua terra natal, fator primordial

para emigrar. Decisão difícil, pois até o final de seus dias, sentiu o coração dividido entre a Campânia, sua região italiana de origem e as terras brasileiras, sobretudo o estado do Pará que tão bem o acolheu estabelecendo um ponto final em sua trajetória de imigrante.

A Belém da infância de Lorenzo não existia mais. A cidade passou por muitas transformações e ele se sentia participante delas. Embora seus pais, durante toda a vida, tivessem a Itália como terra de referência afetiva, para Lorenzo, era Belém e tudo o que nela acontecia, que conformava a sua realidade.

– Caspita! Com tanta ragazza italiana nesta terra, Lorenzo foi se encantar pela espanhola, filha do padeiro!

Lorenzo ouviu tantas vezes este desabafo de seu velho pai, que as palavras ficaram gravadas em sua memória. Todas as vezes que recordava daquele italiano bonachão, muito querido na vizinhança, a lembrança da decepção com sua escolha afetiva lhe vinha à mente.

– Galego maledetto! Era assim que Gennaro se referia, num misto de brincadeira ou provocação ao seu compadre Isidoro, pai da nora Dolores, seu parceiro do jogo de dominó.

Gennaro oriundo da região da Campânia, província de Caserta, chegou ao Pará no final do século XIX, com o contratante Salvador Nicosia,

junto a um grupo de italianos destinados à colônia Ianetama, localizada às margens da estrada de ferro Belém-Bragança. As colônias situadas ao longo dessa estrada faziam parte de uma política do governo paraense para atrair agricultores europeus como fornecedores de alimentos para a população de Belém, uma vez que os nativos embrenhavam-se nos seringais abandonando as atividades agrícolas.

O italiano veio no navio com a mulher Francesca e o filho Lorenzo. Permaneceram por pouco mais de três anos em Ianetama. Dificuldades de adaptação ao clima e ao exaustivo trabalho na colônia, forçaram a mudança para Belém. A família foi morar no bairro Reduto, onde estavam instaladas várias fábricas e vilas operárias povoadas de imigrantes de várias nacionalidades como portugueses, espanhóis, italianos e libaneses, na maioria trabalhadores dessas fábricas.

Gennaro começou a trabalhar como engraxate, pouco tempo depois empregou-se na fábrica de sapatos Boa Fama que era de um patrício italiano. Ele ensinou o ofício ao filho Lorenzo, que ainda adolescente começou a trabalhar na mesma fábrica. Em Belém, Francesca pôde desenvolver suas habilidades de costureira, contribuindo ao apertado orçamento do casal.

Isidoro veio da Galícia, cidade de Pontevedra. Emigrou junto com a mulher e a filha Dolores, ao lado de outras famílias espanholas. Após passarem pela hospedaria dos imigrantes de Outeiro, vila situada próxima a Belém, foram encaminhados para a colônia Santa Rosa, situada no Nordeste paraense. A família de Isidoro ficou por pouco tempo na colônia e por razões parecidas com aquelas da família de Gennaro, resolveu vir tentar sorte em Belém.

O espanhol encontrou muita dificuldade para conseguir trabalho na capital. Por algum tempo exerceu atividade de padeiro levando os pães, num enorme cesto de vime, que entregava de porta em porta, como era costume em Belém, nas primeiras décadas do século XX. Trabalhou como

marceneiro fabricando bancos, cadeiras, mesas e utensílios domésticos que eram comercializados em sua residência. Mais tarde, depois de muita luta, conseguiu montar uma pequena mercearia. No começo, atendia apenas a vizinhança e depois ganhou fama no bairro, pelo esmero com que eram fabricados os “móveis do galego”.

Os caminhos dessas duas famílias de imigrantes tinham pontos em comum e ao longo de suas trajetórias migratórias, se cruzaram. Ambas vieram para colônias agrícolas situadas ao longo da estrada de ferro de Bragança, atraídos pela intensa propaganda na Itália e na Espanha. Tiveram passagem pela hospedaria dos imigrantes do Outeiro, foram para colônias distintas e nelas permaneceram por pouco tempo. Encontraram muitas dificuldades na capital, inicialmente desenvolvendo atividades urbanas de pouco prestígio social, para depois conseguirem se firmar. Fixaram residência no mesmo bairro, o Reduto, onde já havia muitos imigrantes de outras nacionalidades. Tempos depois suas famílias se uniram por casamento. Lorenzo, filho de Gennaro casou com Dolores, filha de Isidoro. Após à morte dos pais, o casal continuou morando no bairro do Reduto.

Lorenzo continuava na cadeira de balanço mergulhado em seus pensamentos. Lembrou com nitidez da estrada de ferro Belém-Bragança que durante décadas constituiu a principal ligação entre a capital e os municípios da região bragantina. Seus vagões transportavam pessoas,

animais, produtos agrícolas como frutas, verduras e a muito apreciada farinha, fabricada com a raiz da mandioca.

O apito do trem era a alegria da criançada e dos adultos que deles dependiam para chegar à capital. Era por ele que vinham gêneros alimentícios além de jornais e revistas que mantinham os mais letrados informados do que acontecia no país. A chegada em cada estação era um acontecimento para as crianças e moradores das proximidades. Eles trafegavam em Belém, fazendo circular pessoas e mercadorias. Davam uma importante contribuição para a economia local.

Aos poucos, o semblante de Lorenzo retrata tristeza. Ele passa a ver como uma nuvem negra o projeto executado pelo Governo federal dos anos 1960 que declarou extinta a estrada de ferro Belém- Bragança, transformando em esqueletos de ferro os vagões que tanto significavam para os pequenos agricultores e para as pessoas que deles utilizavam. Inaugura-se o projeto das rodovias, a rodovia Belém-Brasília que ligaria o Pará às outras regiões brasileiras Lorenzo era inconformado com essa situação, não que desconhecesse os benefícios das rodovias, mas achava que a rodovia poderia conviver com a ferrovia. Um projeto tão importante não poderia ter sido desativado. Sempre lamentava os bons tempos do trem!

Seu pensamento se volta para as fábricas que existiam no bairro. Eram muitas, fizeram surgir vilas operárias, onde moravam seus trabalhadores. Como num filme Lorenzo vai registrando os

cabos e cordas da fábrica Perseverança, os odores de rosa da perfumaria Phebo, os doces requintados da fábrica Palmeiras, os cigarros da Rosa Cruz, a fábrica de mosaicos Paraense, a fábrica Amazônia de sabão, a fábrica de sapatos Boa Fama, de seu patrício italiano Nicola Conte.

As fábricas de sapatos ocupavam um lugar especial em seus pensamentos. Era com orgulho que ele considerava ser um setor especialmente dominado pelos imigrantes italianos. Considerava grande a contribuição das fábricas de calçados, a Italiana, a Soberana, a Libonati entre outras. Aqui abre um largo sorriso e registra o que considera sua maior conquista. Depois de muitos anos de trabalho na sapataria Boa Fama, conseguiu montar a sua fábrica, a Bela Itália, em homenagem a seu pai Gennaro. Sim, afirmava, conseguiu realizar o desejo do pai. Sua fábrica certamente, não concorria com as maiores instaladas no bairro, como a Boa Fama. Mas tinha uma clientela fiel, e ele deixaria um patrimônio para os filhos e netos, já iniciados na arte de confeccionar sapatos, com excelente acabamento.

Suas lembranças não seguem uma cronologia. Agora seus pensamentos se voltam para um momento muito difícil. Mais uma nuvem negra surge em suas lembranças: os registros da época da Segunda Guerra Mundial e dos sofrimentos que teve que suportar. Como sofreram os imigrantes nesse período! As associações foram impedidas de funcionar. A escola mantida pela associação dos italianos foi depredada pelo movimento co-

nhecido como “quebra-quebra”, que destruiu o patrimônio de muitos imigrantes. Os italianos, os alemães e os japoneses foram declarados inimigos do Brasil. Mas felizmente tudo passou, e agora desfrutava de uma vida tranquila ao lado da esposa, filhos e netos!

Lorenzo continua sentado na cadeira de balanço. Mas, não era uma cadeira qualquer. Era uma bela cadeira que pertenceu a seu pai e que tinha sido presente do compadre Isidoro. No espelho estavam entalhadas, como se tivessem entrelaçadas as bandeiras da Itália, da Espanha e do Brasil.

Já está escurecendo e Dolores chama o neto Francesco para levar uma caneca de café ao avô. Ele entrega a caneca para o avô mas este não consegue segurá-la, derramando todo o café em sua roupa.

– Vovó, por favor, venha aqui depressa! Não sei o que está acontecendo com o vovô, ele está molhado de café quente e não fala nada, diz o neto assustado.

Dolores chega apressada e segura as mãos de Lorenzo. Com os olhos cheios de lágrimas, percebe que o marido está gelado. Embora com um

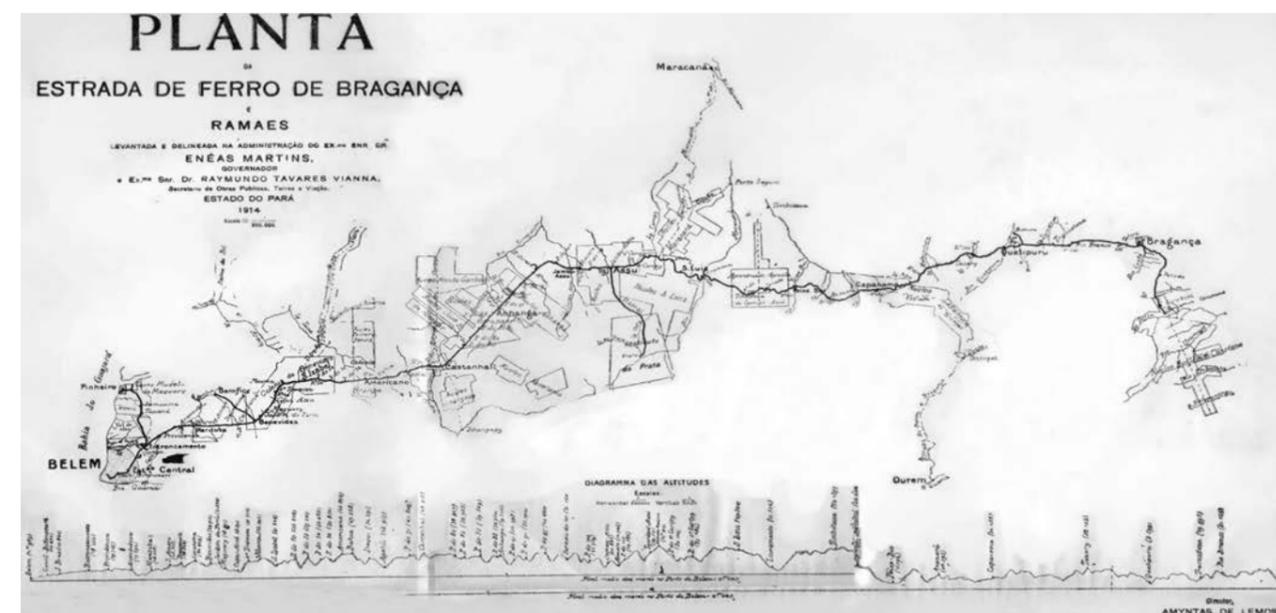


Locomotiva Maguary da Estrada de Ferro de Bragança sobre a rotunda de Marituba. Fonte: <https://fauufpa.org/2012/05/06/locomotiva-maguary-da-estrada-de-ferro-de-braganca-sobre-a-rotunda-de-marituba/>

semblante tranquilo, encontra-se mergulhado num sono profundo do qual não mais irá acordar.

Durante anos, os mais antigos moradores do Reduto contavam que toda tardinha, ouviam o barulho da cadeira do italiano balançando em frente à casa de Lorenzo, na rua Aristides Lobo.

Seria Lorenzo acordando de seu son(h)o? Ou o registro de sua vida na memória dos amigos seria tão forte, a ponto de produzir sinais da continuidade de seu existir?



Disponível em: <http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2011/08/estrada-de-ferro-de-braganca-estacoes.html>  
Marília Ferreira Emmi é socióloga, doutora em ciências socioambientais.



## Coração de Oceano

por Márcio Martelli  
Editor, escritor e poeta

Enquanto o céu, aos poucos, escurecia, eu olhava o mar. Tão longe de meus anseios, tão próximo a mim... Em meu pensamento, a mesma pergunta de sempre invadia minha mente. Por que me sinto tão melancólico junto ao oceano? Que sensação é essa que se apropria de minha alma e não permite que um sorriso se abra em meu rosto fazendo-me viver essa sensação única que é estar defronte ao mar?

Vejo as luzes da orla. Tudo em paz. De repente, um raio rompe o céu, iluminando por alguns segundos a imensa abóboda. Eletricamente. Assustador. Os clarões são agora acompanhados de uivos noturnos, como um coral de vozes a sussurrar na imensa noite, antes tão calma e silenciosa.

A cidade se aquieta.

Calado, observo, pensando na rapidez com que tudo se transformou. Não receio a tempestade em terra, mas no mar... ah, no mar eu estaria rezando para Iansã me salvar da ira de Poseidon. Não quero ser levado para os braços de Iemanjá, nem ouvir os cantos das sereias em meio aos recifes e corais.

Quero a terra firme sob meus pés e ancorar meu barco nesse caos turbulento o quanto antes. Depois relaxar, dentro de um apartamento, num andar bem alto e seguro. É o que pensava...

Quando perguntei se um tsunami chegaria ao 17º andar, a resposta foi que sim. Pois ondas podem ser formadas com até 140 metros. Assustei-me então, mas se estivesse em minha casa, a mais de 700 metros de altitude, elas não chegariam...

Sei que pareço criança medrosa, sei que não há perigo desta ordem por aqui, mas existe tanta coisa acontecendo por este mundo afora que fico aflito.

O terremoto na Turquia – ruas onde andei. O vulcão em erupção – por onde iria passear. Terremoto em Firenze – onde eu já estava. E a incerteza deste planeta, mínimo, dentro de uma imensidão de galáxias.

É, com certeza não estou seguro em lugar algum. Há sempre um senão ou um porquê. Talvez nada aconteça por aqui, mas meu coração de oceano abrange o planeta todinho. Sou como água espalhando-se por todos os poros desta Terra. Como sangue correndo por artérias, invadindo mares, rios, afluentes, florestas, países, cidades, desertos e lares.

Estou presente em cada canto com meu pensar.

Estou acordado e atento a cada pulsar.

Meu coração bate ritmadamente com o quasar emitindo ondas e mais ondas e mais...

O oceano foi meu lar. Tantas vezes cruzei esse mar. Hoje não mais. Hoje, homem com medo de me jogar nas águas e boiar... nadar... mergulhar... Não mais.

Sou terra firme. Concreto. Teimoso. Persistente. Touro. E não me reconheço nas outras eras. Eu fui. Não sou mais. Sou eu que me apresento. Sou eu que evaporo. Sou substância, átomo, bactéria viva dentro de um cristal há milhões de anos. Sobrevivente. Efervescência pura e calor.

E preciso me refrescar nessa calmaria do oceano.

Só para recompor minhas baterias e expulsar meus medos.

E não mais ficar triste diante dessa imensidão.

Hoje eu vi o mar.

Ontem eu era o mar.

Agora sou essência pura de uma saudade de um tempo que não existe mais.

## A magia da fábrica de pirulitos

por Valderez de Mello  
Escritora e poeta

Corria os anos 50. A casa grande de assoalhos largos e brilhantes cheirava à cera parquetina. O pai, a mãe, seis filhos e um vovô. Mesa farta, fogo de lenha no canto estalando labaredas, cesta de vime repleta de ovos aguardando a vez para ser omelete de requeijão, réstias de cebolas e alhos penduradas no batente da porta da cozinha avisavam que ali tudo era saboroso.

Nesta casa, além do calor do fogo que vivia de mãos dadas com o dia e a noite, existia também o calor do bem querer. Crianças em idade escolar, uniformes, lanches, cadernos e livros e naquele tempo não tinha bolsa família, tampouco a vergonhosa bolsa aplauso. Tudo era conseguido pelos esforços dos responsáveis. Mamãe não trabalhava fora de casa pois a lida diária era estafante, mesmo assim, sempre dava um jeitinho amoroso para aumentar a renda familiar. Então, me lembro de nossa fábrica de pirulitos. Papai fez um lindo tabuleiro de madeira e com o arco de pua fez dezenas de furinhos onde eu pequenina, recortava papel manteiga de várias cores, enrolava no dedinho fazendo pequenos cones, torcia a ponta, e delicadamente colocava cada um num burquinho do lindo tabuleiro. Mamãe fazia a calda para o pirulito de vários sabores e ainda com o líquido fumegando enchia os pequeninos cones de papel colorido enquanto meu irmão mais novo enfiava depressa o palitinho de bambu, caprichosamente cortados por vovô, antes que o líquido brilhante esfriasse. E o tabuleiro, como num gesto de magia, se transformava num colorido campo de delícias. Então, meu irmão com o tabuleiro pen-

durado no pescoço saía a entoar alegre o inesquecível refrão:

– Pirulito! De abacaxi, limão, groselha e figo!!!

Menina ainda, ia ao seu lado, toda importante e arrumadinha, com o embornal a tiracolo para guardar as moedas. E assim percorríamos as calçadas do jardim após a missa onde todos se reuniam a espera da procissão. Vendíamos o delicioso produto e retornávamos felizes saltitando a ouvir o tilintar do nosso tesouro.

Mamãe contava uma a uma as moedinhas e em seguida eram cuidadosamente guardadas num bule de louça enfeitado de florezinhas azuis, que ela chamava de miosótis, no guarda-louças da sala de jantar.

Num belo dia, mamãe esvaziava o bule sobre a mesa, recontava as moedas, nos chamava e dizia feliz: Eis o dinheiro para pagar a livraria. Era com o dinheiro dos pirulitos que mamãe comprava o material escolar: cadernos, lápis e livros. E nós íamos felizes cumprir a obrigação de fazer. Foi assim que aprendemos a ter responsabilidade, espírito de solidariedade, amor ao trabalho e a alegria do dever cumprido, cientes das dificuldades que a família enfrentava, porém, todos unidos e felizes vencíamos os obstáculos na grande luta pela conquista dos sonhos, cuja arma utilizada era o amor.

Até hoje, quando abraçada pelo silêncio de minha saudade, me vejo a saltitar feliz pelas calçadas ouvindo o tilintar das moedinhas e a voz de meu irmão a entoar:

– Pirulito! De abacaxi, limão, groselha e figo!!!!

## Camila

por Thaty Marcondes  
Escritora e poeta

Onde andarás Camila, que sorve o vento e dele se alimenta?

Passos lentos, levitando curvas, esvoaçando tempos.

Camila ainda caminha o vento.

A brisa roça a distraída lágrima, o Sol teima em ceder um único raio, delineando os cachos de seus cabelos perfumados.

Ah, Camila que caminha o vento, se soubesses a procura da rima, a razão da sina, a falta de tempo!

Mas Camila apenas sonha.

Suavemente, cumpre o intento. Seu destino: caminhar, presença etérea – eterna neste momento.

Camila, que mora em meu pensamento.

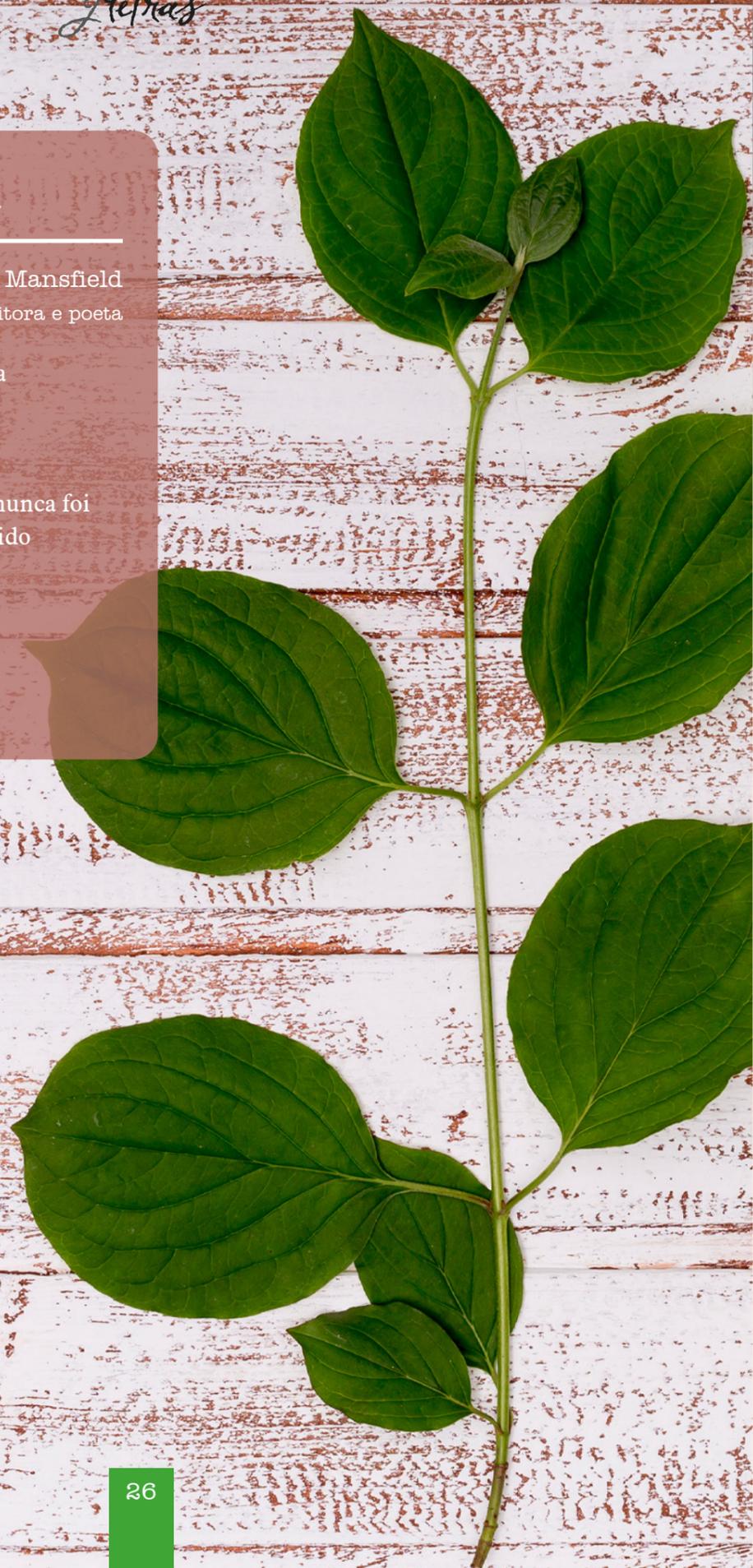
Camila, que eu mesma invento.

Camila, que se casou com o vento!

## Na madeira

por R. R. Mansfield  
Escritora e poeta

Encontrei no fundo da gaveta  
Uma flor seca  
Um raminho  
E uma carta de amor  
Encontrei a saudade do que nunca foi  
Do sentimento punido e banido  
Da fuga, do medo, da dor  
Era apenas uma gaveta  
Tão coberta em poeira  
Mas madeira traiçoeira  
Muda lenha sem pudor



## Canções e Momentos

por José Felício  
Escritor, professor e poeta

É na sexta-feira os nossos embalos da noite,  
olharemos a Lua mansa a se derramar,  
bem devagar, pois já tivemos pressa,  
mesmo sabendo que sofrer  
é o sinônimo de amar... Será?

De janeiro a janeiro estamos  
sempre nos detalhes,  
esperando na janela  
uma sociedade alternativa.  
Até vemos as evidências,  
o bule de café num fogão de lenha  
ou a majestade,  
o Sabiá.

Por enquanto, alguma coisa aconteceu  
com a nossa velha infância,  
não sabemos se iremos nos adaptar,  
mas com cinco ou seis retas  
ainda sabemos fazer um castelo  
ou imaginar uma gaiivota a voar no céu?

Pela luz dos olhos teus  
podemos vislumbrar o trem das onze chegar,  
quase atrasados chegaremos  
a nossa saudosa maloca,  
infelizmente, nela não há  
um síndico tão gente fina,  
quanto onde mora a burguesinha...  
é a vida que nos leva,  
uns malandros outros manés...

Não estaremos em Itapoã,  
mas em SP, onde ainda há amor,  
porém, poderemos tomar  
uma água de coco ou cachaça de rolha,  
como um bom rapaz latino-americano,  
sem lenço e sem documento  
precisando se encontrar  
ouvindo os pássaros a cantar  
nesse moinho que é o mundo,  
onde as rosas não falam...  
só pra não dizer que não falaremos das flores.

Logo, vai passar o zepelim sobre o cais,  
lá do clube da esquina todos veremos  
entre os girassóis as águas de março  
lavando o chão de giz e desaguando em nós,  
o oceano.

Não há tempo perdido,  
tentaremos outra vez e outra vez e outra vez,  
agarrados à lanterna dos afogados,  
onde o mar serenou,  
já que o tempo não para  
e nenhum nós é tão pop como o Papa.

Nas asas da liberdade voaremos,  
não escreveremos mais palavras  
no nosso diário de detento,  
estaremos comemorando  
num fundo de quintal  
na esquina da Ipiranga com a São João.

## Renascer

por Flavia Cunha  
Escritora e poeta

Chegou a hora  
De renascer  
Para um novo mundo  
Que ainda se sente  
Desequilibrado  
Por um vírus mortal,  
por um medo profundo

Mas o vírus será  
Por grandes cientistas  
Totalmente enfrentado  
E o homem sentirá  
Maior segurança  
Também mais certeza  
De estar amparado

Haverá mudanças  
Inadiáveis  
Apesar das dores  
Irreparáveis

Será preciso  
Alçar voo  
E contemplar do alto  
Todas as maravilhas  
Que ainda nos restam  
Apesar dos percalços

E depois disso  
Escolher o caminho  
Da solidariedade  
Reerguer os caídos  
Com muita bondade

Nada é por acaso  
É grande o desafio  
Mas vamos seguir o curso  
Do majestoso rio

Que vai desaguar  
Em límpido oceano  
Que nos dará as respostas  
Para um Novo Ano



## Memórias do amanhecer

por Dam Nascimento  
Escritor e poeta

E um dia tudo vira saudade  
Memórias se espalhando pelos cantos  
Redemoinho de sentimentos  
Sorriso banhado em lágrimas

Por um minuto se toca o eterno  
As folhas do outono lembram quem se foi  
O cheiro de lavanda quem está chegando

A vida é uma dança  
A passos lentos  
E a cada valsa  
Um novo ensaio para a eternidade

Renascer com o Sol  
Caminhar pra luz  
O nosso destino é o amor



## Sonhos

por Ivonete Piccinato de Freitas  
Advogada, escritora e poeta

Sonhei que ainda era criança  
Os sonhos eram gigantes  
Às vezes eles amedrontavam  
Eram aterrorizantes

Sonhei que podia dançar  
Feito bailarina no palco  
De sapatilha de ponta  
De toutou em minha cintura a circundar

Fui dançar  
Em cima da caixinha de música  
E fiquei a rodopiar, rodopiar...  
Sem sair do lugar

Sonhei que sabia andar de bicicleta  
Nunca aprendi a pedalar  
Sonhei que podia subir em árvores  
Não havia nenhuma naquele lugar

Sonhei que poderia desenhar e desenhar  
Eram só meia dúzia de lápis coloridos  
quase sempre sem as pontas  
Nem conseguia usar

Sonhei que lia muitos livros  
Neles, eu era sempre a princesa  
Namorava o príncipe encantado  
Montava no cavalo branco e dourado

Um dia parei de sonhar  
Os sonhos se perderam  
Surgiram novos caminhos  
A realidade foi o meu despertar



## O meu Natal... (ao meu pai)

por Jefferson Dieckmann  
Escritor e poeta

Todos os anos  
Na véspera de Natal  
Eu imaginava o cair da neve  
Que nunca viria  
Em um país tropical  
Sentávamos em volta da árvore  
Alegre e enfeitada árvore  
Esperávamos pelos presentes  
Trazidos a duras custas, com muita luta  
Por meus pais, os verdadeiros Noéis...  
Apreensão, receio e até medo na espera  
Misturados com uma alegria incontida  
O abrir dos pacotes era uma festa  
A alegria e a emoção também  
Dormir ao lado da bicicleta sonhada  
Do carrinho tão desejado  
Era o máximo que eu poderia desejar da vida  
E nós tivemos isso tudo  
Hoje, passado o tempo, isto é passado  
Mas na memória, tudo continua vivo  
Continua alegre, continua festivo  
Só sinto falta, só não vejo, só não encontro  
Além do meu sonho  
Além do meu brinquedo  
O meu Noel, o meu pai  
O meu velho querido...





## Só para o meu prazer

por Márcio Martelli  
Editor, escritor e poeta.

Quando a alma clama por algo além  
Escrevo  
Porque escrever liberta meu espírito  
E me faz voar por vales e rios caudalosos  
Como as estrofes de uma poesia  
Ora longas ora curtas  
Afluentes de rimas e versos livres  
Que correm soltos pela estrofe  
De canções, sonetos da imaginação

Quando a alma clama por mim  
Eu me fecho em versos  
Que não se conectam com nada  
Nem com ninguém  
É o coração dizendo  
Que tudo vai além  
Deste mar, deste lar  
Deste mundo tão pequeno



Quando a alma me pede  
Vai, menino, vai ser feliz  
Eu torno a escrever  
E pensar no quanto as letras  
Me fazem bem e revelam  
Meu poço escuro agora claro  
Meu medo de ser feliz  
Por não querer perder  
Nada mais além  
De mim mesmo...

## Em busca

por Márcio Martelli  
Editor, escritor e poeta.

Se meus olhos semeiam lágrimas  
Por que não deixá-las correr  
Pelos vales e planícies do meu corpo  
Em busca do cessar dessa dor?

Se meu coração se aquieta  
Devo deixar de ser temeroso  
E acreditar que realmente há um vale  
Onde a felicidade faz eterna morada?

Se tudo isso for somente um sonho  
Quem será o escritor dessa obra  
Que nós denominamos de vida  
E vivemos insanamente à procura de nós?

Se nada faz sentido  
Devemos procurar  
e encontrar a razão  
De tudo e nos apaziguar  
Mente, coração e alma  
Somente assim  
É o que acredito  
Podemos ser  
Felizes



## Doçuras da vida

por Ivanira de Souza Lima Dadalt  
Professora, escritora e poeta

Manhã ensolarada,  
de puro céu anil.  
Pássaros em revoada a piar.  
As rosinhas no vaso desfolham aromas no ar.

Leveza no dia.  
Leveza na alma.

Minha vida completa e feliz!  
Eu posso cantar meu Amor  
e as doçuras do dia a fluir,  
na luz do sol aberto...

In: INSPIRAÇÃO: Poesias Inéditas e Esparsas, 2020.

## Pegadas no Universo

por Renata Iacovino  
Escritora, cantora e poeta

Foi  
Foi assim sem querer  
Que eu vi você  
Acenando pra mim  
Cabelos ao vento, e eu ri...  
Sem medo ou indecisão  
Fechando os olhos, eu vi  
A verdade em seu coração  
E eu nem pensei em fugir...

Sei,  
Sei que a vida me deu  
Uma prova de que  
O recomeço é possível  
E o presente é o que vale!  
Quando esse canto a dois  
É afinado e sincero  
O universo conspira... conspira e pira a favor  
E não tem mal que atinja  
Nosso som em harmonia  
Não tem vendaval que carregue  
As pegadas que deixamos no chão.

## Só o silêncio...

por Herminia Aparecida Balbuena  
Educadora e poeta

Só o silêncio...  
Só o silêncio nos fala  
Só o silêncio nos faz sentir  
Só o silêncio nos canta

Só o silêncio...  
Só o silêncio acaricia  
Só o silêncio angustia  
Só o silêncio dá calmaria

Só o silêncio...  
Só o silêncio nos acalenta  
Só o silêncio nos enobrece  
Só o silêncio nos enriquece

Só o silêncio...  
Só o silêncio reconhece  
Só o silêncio amanhece  
Só o silêncio aquece

Só o silêncio...  
Só o silêncio nos encanta  
Só o silêncio nos embala  
Só o silêncio nos reconhece

Só o silêncio...  
Só o silêncio nos deixa ir  
Só o silêncio nos faz rir  
Só o silêncio nos determina o partir

## Agonia de um guru

por André Argollo  
Professor e poeta

Imensa agonia há de sentir o meu guru  
Quando conectar-se com o planeta em que habito,  
Que vive em guerra — permanentemente — adora um conflito  
Armado, ideológico, político, típico de um macaco nu...

Imensa agonia há de sentir o meu guru  
Quando o seu espírito encarnar neste planeta tão bonito,  
Que abriga tanta violência — e a briga violenta o deixará aflito,  
A ponto de se sentir indigno do sopro que o trouxe nu...

A agonia será breve [...]  
Ou marcará o meu guru?  
O peso de sua cruz será leve?

Imensa agonia cobra de quem não deve  
E marca o coração do meu guru...  
Nômade e só — tempestade de neve.



## Não saber

por José Felício  
Professor, escritor e poeta

Você pode ser o barco  
Teseu ou o Minotauro  
Meduza e Plutarco  
Platão e Xenofonte

Ninguém na Ilíada  
A vida ao barqueiro  
A mudança no imutável  
O não do aceitável

A Alma não é o ego  
Ou o morto no castelo  
O rei não é seu cavalo  
Com a lança eu acerto

Temos o poder e a dor  
As alegrias e agruras  
O fedor e o perfume  
A candura e betume

Preciso saber quem sou  
Pensar tudo que sei  
O que vi e senti  
O que desejei e prometi

O medo e a coragem  
Várias vidas, uma viagem  
Diversas estradas, um caminho  
Introspecto, nunca sozinho

Na felicidade sob circunstâncias  
Virtudes, defeitos, prazeres  
Alegrias, vontades, desesperanças  
Disciplina, dogmas, instâncias

As sendas, a calma  
O transtorno e o caos  
As trevas e a luz  
A ferida e o pus

A fome e a minha gula  
A luxúria e a vaidade  
O que é permitido é pecado?  
É ação, desejo, sobriedade

Entre céu e o inferno  
Entre o mar e a montanha  
Entre a verdade e a mentira  
Entre a noite e o dia

Percorro e não entendo  
Parecendo já saber  
Que aquilo que aprendo  
Está em mim desde o nascer

## Sem tema

por Susana Ferretti  
Escritora e poeta

A luz, lá no poste da rua,  
Amarela a noite em seu entorno.  
O vento leve sacode a cortina  
E ousa abrir uma folha em branco  
Para escrever poesia.  
Mas os versos parecem escassos,  
Nenhum tema me apaixonou!  
O ar está seco, deve ser isso...  
Decido que não escreverei sobre  
Ausência, tristeza, solidão,  
Tão pouco sobre dores.  
Quero a leveza do ar.  
Quero o som das ondas do mar.  
Quero o barulho das folhas ao vento.  
Quero as curvas da estrada.  
Quero vida feliz para todos,  
Simplicidade e básicos direitos.  
Quero poder andar pela calçada  
Sem qualquer receio.  
Quero um dia a dia de obrigações  
Para viver o cansaço  
E acordar para um novo começo.  
Quero rir sem qualquer freio.  
Tomar café com pão de queijo,  
Despreocupadamente...  
Quero observar as montanhas,  
Sentada debaixo de uma árvore.  
Quero respirar profundamente.  
Quero a mansidão do silêncio  
E continuar escrevendo...

## A renovação da vida

por Dalton Luiz Sibinel  
Escritor e poeta

A bênção suave da vida pelas mãos de Deus  
O vento que semeia a tempestade não aguentará  
Com passos firmes nos tempos seus  
Olhando para a frente, a pandemia passará.

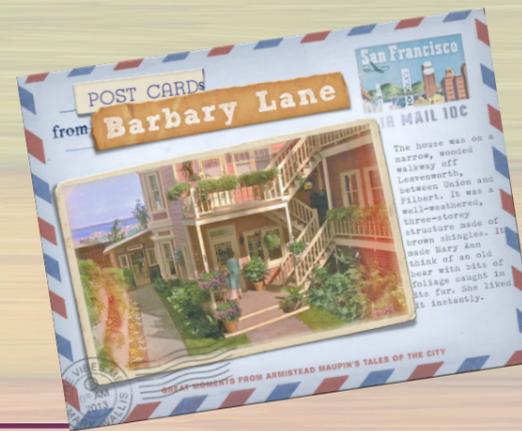
Com coração ferido e aberto  
De um povo esperançado para viver  
Na qualidade do amor fraterno, o certo  
De uma saúde séria, a revelação de um novo ser.

Não haverá desânimo em busca do melhor  
Embora as ocorrências abalam por angústia e fragilidade  
Num céu nublado, as estrelas escondem o pior  
No sofrimento, o alicerce para a maturidade.

O cotidiano vai analisando, o que fiz e o que vou fazer  
Crises e conflitos existenciais para atravessar  
É mesmo, no espírito de uma Fênix que vamos vencer,  
Ressurgindo, sem esquecer que devemos amar.

Deixando o medo de lado, acreditar no sagrado e na fortaleza  
O homem determina o grau de sua coragem  
No solidário, uma ousadia para resolver com beleza  
A renovação da vida em outra imagem.

## Barbary Lane é um eterno Natal



por Kelly Galbieri  
Advogada e escritora

O Natal sempre traz aquele sentimento de proximidade, de amizade, de amor e ternura. Parece que ficamos mais solidários, pensamos mais nos outros, queremos os amigos e a família ao nosso lado. Dá a impressão que o mês de dezembro nos transforma. É diferente de todos os outros; só ficamos assim no ano seguinte, no mesmo mês.

Mas quem assistiu a série da Netflix *Crônicas de San Francisco* fará uma analogia deste texto com dezembro e com o Natal.

A série se passa em um local chamado Barbary Lane, um complexo de apartamentos em San Francisco, carinhosamente administrado por sua proprietária, uma mulher transexual chamada Anna Madrigal, que já no primeiro capítulo comemora noventa anos de idade em uma festa divertidíssima.

Esta incrível mulher cede cada um dos apartamentos aos seus amigos, formando ali uma grande família LGBTI. Todos se completam, se ajudam, se confortam quando precisam e principalmente, todos se amam.

A cada episódio as questões sociais e existenciais mostram como é importante pertencer a um grupo, a uma comunidade e poder contar com ela. E a comunidade LGBTI é exatamente assim. Claro que com algumas exceções; não seria hipócrita em afirmar que todes se acolhem e se respeitam e não há confrontos “internos”.

Mas na nossa cidade, quando um é atingido, todes se mobilizam e uma frente de batalha é formada. Falo isso por experiência própria.



Laura Linney e Olympia Dukakis em *Crônicas de San Francisco*  
Créditos: Nino Munoz/Netflix/Netflix

Vivi isso algumas vezes nos últimos anos. Senti como se vivesse dezembro todos os meses do ano. Os ataques, vindo de todos os lados, iniciavam-se e os “soldados do bem” vinham logo em minha defesa.

A sensação de pertencimento, de acolhimento, de estar na companhia de nossos pares, do amor envolvente de pessoas que há poucos anos sequer conhecia é tão reconfortante, tão incentivador...

Anna Madrigal mostrou que (alerta de spoiler) até o último dia de vida, seus amigos estavam ao seu lado, com o coração aberto e pronto para suas fraquezas e necessidades.

Não há como assistir a esta série e não querer estar inserido naquele contexto, com aqueles amigos. Então, que tal conhecer cada letra da sigla LGBTQIAP+? Garanto que a vida de vocês será um eterno Dezembro!

## Tempo e dia, dia e tempo

por Emily Alves  
Poeta

Dias esses para serem lembrados, não? Para dizermos aos nossos sobrinhos, filhos e netos como conseguimos ser fortes e como sobrevivemos ao ano de 2020. Contaremos de nossas diversas lutas, conquistas, frustrações e angústias... sentimentos esses, trazidos pelo tempo e levado pelo mesmo. como na letra da música do cantor brasileiro Lenine: “... e o mundo vai girando cada vez mais veloz a gente espera do mundo e o mundo espera de nós um pouco mais de paciência...”

E vivendo em um mundo globalizado, no qual, a frase motivadora de nossas vidas se tornou: “tempo é dinheiro e dinheiro é tempo”, a paciência foi roubada de nossas vidas. Não estamos vivendo da forma que deveríamos, é importante estudar e trabalhar, mas é importante viver!

Viver da forma que você merece, e você merece cantar, dançar, escrever, ler, amar e o mais importante, viver um dia de cada vez. Viver no seu tempo e ritmo e lembrar que nas páginas da vida, é você o escritor e que um dia você lerá seu livro, escrito com paciência e no seu tempo e se dará conta que “o tempo não para” então não adianta tentar acompanhá-lo.

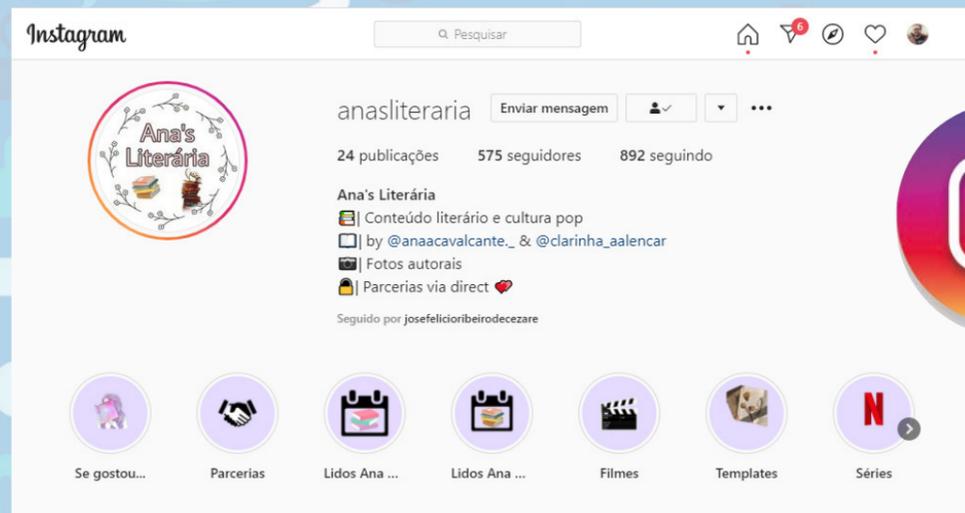
# Ana's Literária

## Conteúdo Literário e Cultura Pop

por Ana Clara Santos Cavalcante e Ana Clara Alencar Pereira  
Estudantes

Oiii leitores, tudo bem com vocês? Nessa primeira seção vamos nos apresentar e demonstrar um pouco do nosso conteúdo. 😊

Em 21 de setembro, nós (Ana Cavalcante e Ana Alencar) criamos uma página para falarmos sobre conteúdo literário e cultura pop, e assim incentivarmos a leitura.



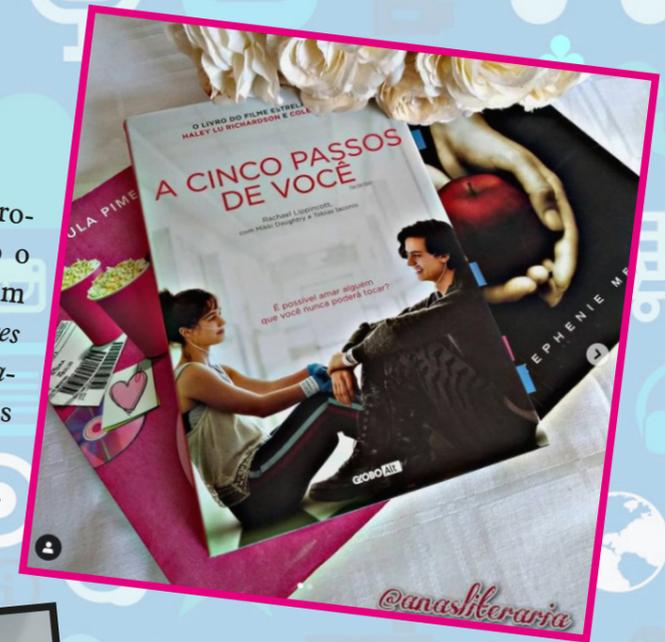
Nós nos conhecemos através de um torneio de robótica (FLL), então descobrimos nosso gosto em comum pela leitura e juntas decidimos criar o Ana's Literária.

No nosso Instagram damos várias dicas de livros, resenhas, tags. Nos nossos stories também falamos de filmes e séries, curiosidades literárias... Muitas coisas sobre a cultura pop! ❤️



Meu gênero literário favorito é romance, e meus autores favoritos são John Green e a Paula Pimenta. E um dos meus livros favoritos são *Por lugares incríveis*, *A cinco passos de você* e *Extraordinário*, mas ainda tem muitos outros kkkk.

Ana A.



Meu gênero preferido é fantasia, sou muito apaixonada por ficção e tudo que envolve o mundo fantástico. Meus autores preferidos são o C. S. Lewis e J. K. Rowling. Meus livros preferidos no momento são *Jogos Vorazes*, uma distopia encantadora, *A Escolha* da trilogia de *A Seleção*, e eu também amo toda saga de "Harry Potter".

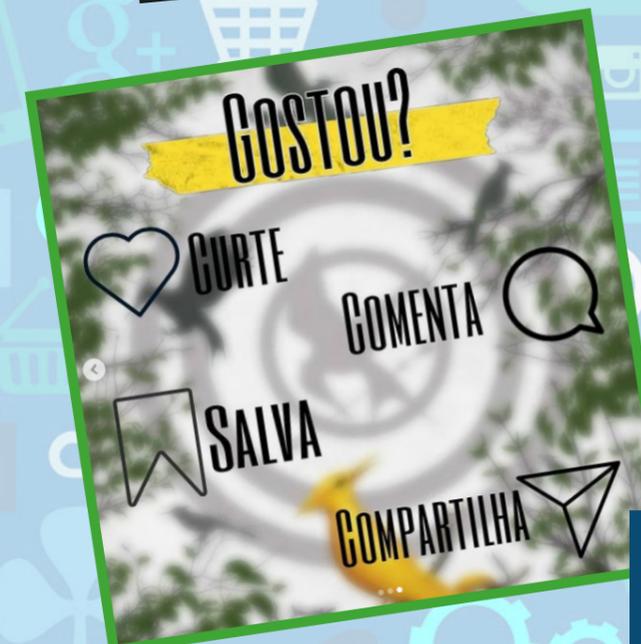
Ana C.



Nós traremos conteúdos diferenciados aqui para vocês, esperamos de coração que vocês gostem ❤️.

Com muito carinho,

Ana A. & Ana C.  
@anasliteraria 📖

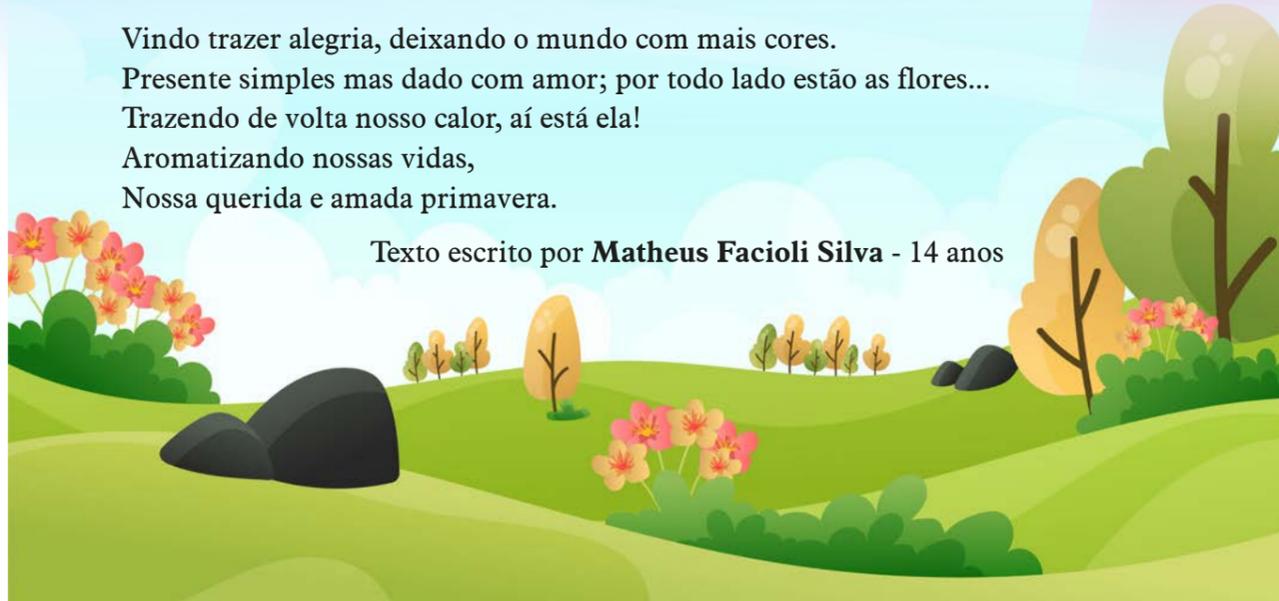


## Participação especial

### Ela chegou!

Vindo trazer alegria, deixando o mundo com mais cores.  
Presente simples mas dado com amor; por todo lado estão as flores...  
Trazendo de volta nosso calor, aí está ela!  
Aromatizando nossas vidas,  
Nossa querida e amada primavera.

Texto escrito por **Matheus Facioli Silva** - 14 anos



### 2020 é considerado um ano?

Todo mundo sabe que 2020 foi considerado um ano de espanto, fora do comum com esse coronavírus, o Covid-19.

O minúsculo bichinho transformou o mundo em um caos de tristeza e mortes. Como pode?

A sorte nessa história é que tem muitos cientistas fazendo uma vacina para matar esse vírus.

E vou te contar um segredo! Tudo isso logo vai passar. Não podemos perder a esperança! Segundo o dicionário, “esperança” é o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja.

Contando mais um segredo, essa doença ruim nos ensinou a nos unir mais, cuidar da família e brincar mais.

Aprender que doença não é brincadeira. Que temos mesmo que lavar as mãos quando vamos ao banheiro e temos que escovar os dentes senão o bichinho come ele.

Então, esse ano foi de tristeza, medo, aprendizagem, esperança e muita oração, porque Deus está junto de nós.

Texto escrito por **João Pedro Maretto** – 11 anos



### Dica de leitura!

#### *Pessoa* - Fernando Pessoa Para Crianças

*Pessoa* - Fernando Pessoa para crianças é baseado na estrofe VIII da obra *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro. O autor, com sua sensibilidade, traz o universo pessoano para a atualidade e apresenta, para crianças e adultos, uma história atual e poética que mostra a atemporalidade e a modernidade do poeta Fernando Pessoa. Nerci Leoni Machado soube captar todas essas sutilezas transformando as ilustrações deste livro em verdadeiras obras de arte.

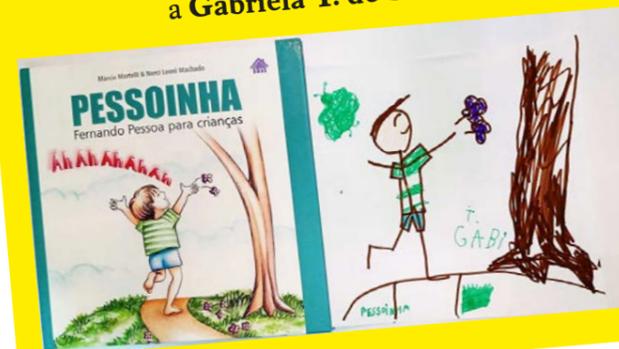
*Pessoa* - Fernando Pessoa para crianças

Autor: Márcio Martelli

Ilustrações: Nerci Leoni Machado

Formato: 23 x 23 cm. Nº de Pags.: 32 páginas

Veja a produção da releitura da capa do livro que a **Gabriela T. de Souza** – 8 anos fez!



Texto: Sandra Albuquerque Torres  
(Professora e escritora)

Ilustração: Pedro Henrique de Lima  
(10 anos)

O texto fala das emoções e dos sentimentos que expressamos através das palavras em cada verso. Atualmente, usamos vários recursos visuais para expressar nossos sentimentos e o principal instrumento utilizados por todos nós são os emojis.

Com origem no Japão, os emojis são ideogramas usados em mensagens na internet. Eles existem em diversos tipos, incluindo: expressões faciais, objetos, lugares, animais e outros que são criados diariamente nos aplicativos da web.

A palavra “emoji” vem da união de “e” (絵), que significa imagem em japonês e “moji” (文字), que significa letra. Ou seja, são símbolos que representam os sentimentos, ideia, palavra ou frase completa (fonte: pt.wikipedia.org).

#### Vamos brincar com os emojis?

Vamos ligar os emojis aos sentimentos que representam?



RAIVA



TRISTEZA



ALEGRIA

# Era uma vez

Texto: Kelli Cristina Candido de Lima  
(Professora e escritora)

Ilustração: Pedro Henrique de Lima



ERA UMA VEZ, UMA MÃE A PREPARAR  
UM DELICIOSO SANDUÍCHE PARA O JANTAR,  
QUANDO SEM AO MENOS PESTANEJAR,  
OBSERVOU UM RATO NA COZINHA ENTRAR  
E O PEDAÇO DE QUEIJO ROUBAR.

ERA UMA VEZ, UM RATO  
QUE CORRIA PRA LÁ E PRA CÁ  
PROCURANDO UM PEDAÇO DE QUEIJO PARA SABOREAR.

O PEQUENO CAMUNDONGO POUCO PRECISOU BUSCAR,  
POIS O AROMA DELICIOSO  
O LEVOU À UMA PEÇA DE UM QUEIJO BASTANTE APETITOSO!

O RATO PEQUENINO  
IMAGINANDO QUE A TODOS CONSEGUIRIA DESPISTAR,  
ENTROU EM UM BECO E DEU DE CARA COM O AZAR!

ERA UMA VEZ, UM GATO.  
UM BICHANO MALANDRO,  
QUE ANDAVA SOBRE O MURO DE UM BECO  
FAREJANDO COMIDA POR TODOS OS CANTOS.

QUANDO VIU EM SUA FRENTE,  
UM RATINHO MATREIRO  
COMEMOROU COM ALEGRIA  
O PRESENTE QUE A SORTE LHE TRAZIA!

ERA UMA VEZ, UM CÃO.  
QUE ANDAVA CABISBAIXO A PROCURA DE UMA AVENTURA.  
QUANDO VIU EM SUA FRENTE, UMA GRACIOSA CRIATURA;  
ANDANDO SOBRE O MURO COM TOTAL DESENVOLTURA.



RAPIDAMENTE COMEÇOU A PENSAR  
EM UMA FORMA DE O FELINO ALCANÇAR.  
ENQUANTO RESOLVIA, O QUE FARIA  
COMEÇOU A LATIR COM GRANDE EUFORIA.

ERA UMA VEZ, UMA MENINA.  
QUE BRINCAVA NO QUINTAL COM SUAS AMIGAS.  
CARREGANDO BONECAS E PREPARANDO COMIDINHAS.

UMA MENINA ALEGRE,  
CANTANDO E DANÇANDO AO SOM DE SUAS PREFERIDAS CANTIGAS  
QUE HAVIA APRENDIDO COM SEUS COLEGAS NA ESCOLINHA.  
ATÉ QUE A BELA MELODIA,  
DEIXOU DE SER OUVIDA,  
POIS FORA INTERROMPIDA POR UM LATIDO ESTRIDENTE  
DE UM CÃO INCONVENIENTE.

ERA UMA VEZ, UM MENINO.  
QUE JOGAVA BOLA COM SEUS AMIGOS.  
E, COM UM CHUTE CERTEIRO  
ATIROU SUA BOLA PARA DENTRO DA CASA AMARELA,  
ONDE MORAVA A PEQUENA RAFAELA.



POBRE MENINO!  
CHAMAVA COM TODA FORÇA.  
MAS A VIZINHA MAL PODIA OUVIR  
COM O BARULHO DO CACHORRO A LATIR;  
TENTANDO PEGAR O GATO,  
QUE CISMADO, PREPARAVA-SE PARA AGARRAR O RATO,  
ANTES MESMO QUE O COITADO  
DEGUSTASSE O INGREDIENTE QUE SERIA UTILIZADO  
PARA FAZER O SANDUÍCHE TÃO ESPERADO.

O RATINHO ESPERTO,  
COM O QUEIJO FUGIU.  
O GATO APRESSADO,  
ATRÁS DELE SAIU.  
O CÃO, TÃO ALTO PULOU  
E NO MESMO COMPASSO A ELES SE JUNTOU!

A MENINA, VOLTOU A BRINCAR  
E SUAS CANTIGAS PÔDE ESCUTAR.  
O MENINO TORNOU A CHAMAR  
E DESSA VEZ, RAFAELA PERCEBEU.  
CORREU PARA A BOLA PEGAR  
E A ELE ENTREGAR.  
A MÃE, MUITO PREVENIDA,  
OUTRA RECEITA FAZIA  
PARA AGRADAR A TODAS AS PESSOAS  
DE SUA AMADA FAMÍLIA.

# Monteiro Lobato

Aos dez anos, minha avó materna, Lydia Maria, me levou para São Paulo. Eram minhas férias escolares. Ficamos na casa de minha tia Lina, filha caçula da vovó. Já no trem, feliz, mas febril, ela ia me explicando coisas. Já no apartamento, fui direto para a cama, pois ninguém queria pegar caxumba. Era o que eu tinha. O pescoço inchou tanto que eu parecia um rinoceronte. Minha avó, cuidava de mim o tempo todo. Minha tia grávida, não podia entrar no quarto.

Não tinha nem rádio e nem TV. Com o pouco que eu enxergava, peguei um livro na estante. Era as aventuras de Narizinho. Daí, parti para toda a coleção. Eu não podia com a claridade, mas mesmo apertando os olhos, os quinze dias de sofrimento, foram amenizados pelos personagens de Monteiro Lobato.

Nem vi a cara da cidade de São Paulo.

Assim como cheguei, voltei. Mas meu mundo ficou enriquecido, o *Sítio do Pica-pau Amarelo* passou a fazer parte de minha vida, já que eu morava na Fazenda Ventania, onde nasci. Valeu para a minha vida toda. Comecei a escrever tarde, mas foi Monteiro Lobato que me inspirou.

Cacilda Franco Ribeiro  
Escritora e poeta

*José Bento Renato Monteiro Lobato foi um escritor, ativista, diretor e produtor brasileiro. Foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções.*

O tempo foi passando, cresci, li vários outros títulos, indiquei, li e contei vários outros títulos a filhos, sobrinhos, alunos, afilhados também, no entanto, percebi que a obra *Sítio do Pica-pau Amarelo* continuava imortal.

Há alguns meses, fui tomada de surpresa quando um de meus afilhados me interpelou, dizendo:

– Madrinha, madrinha, Emília. Vamos, liga a TV no *Youtube*.

Então, peguei o controle da televisão e procurei no *Youtube*. Espantei-me muito, pois encontrei desenhos, episódios criados e televisionados pela Rede Globo e outras produções dessa tão grandiosa obra.

Ele, então, ficou muito feliz por eu ter encontrado e chamou meus pais também para assistirmos todos juntos, ficando até a hora do almoço.

Isso me fez refletir:

– Que magia é essa criada por Monteiro Lobato há tanto tempo que ainda hoje faz tamanho sucesso?

– Que emoção é essa que invade de bebês até idosos ao ouvirem as músicas ou assistirem aos episódios ou ouvirem ou lerem as histórias ou verem desenhos dos personagens?

– Que encantamento é esse que na Creche, na escola ou em casa, essas histórias entretêm por tanto tempo todas as faixas etárias?

– Será que algum dia conseguiremos explicar tanto envolvimento?

Herminia Aparecida Balbuena  
Professora e escritora



## Medo

Não gosto de escuro  
Nem dentro do quarto  
Nem atrás de muro

No escuro  
Tudo atormenta  
Qualquer barulho  
Parece que aumenta.

Quando não consigo ver  
Tapo os olhos com a mão  
Talvez possa aparecer  
Um enorme de um dragão.

Minha mãe quis entender  
– Diga querida,  
O que existe no escuro  
Que te deixa tão assustada?

Mãe, como posso saber  
Se quando está escuro  
Eu não consigo ver nada?

Por Maria Beatriz Sayeg Freire  
Médica e escritora

## VOCÊ SABIA QUE...

A Biblioteca Municipal, antes de ser uma fábrica de histórias, era uma fábrica de tecidos?

Em 1913, o Sr Ernesto Diederichsen fundou, no bairro de Vila Arens, a Sociedade Industrial Jundiaense, que pouco tempo depois passou a se chamar Sociedade Argos Industrial. A Argos produziu gabardines (um tipo de tecido) de primeira linha e o famoso verde-oliva para vestir o Exército.



Profa. Carmen Silvia Nalli Bulhões  
Supervisora Pedagógica responsável pelo projeto de visita monitorada na Biblioteca





Letras

## João Rubinato

“Se o sinhô num tá lembrado...  
ADONIRAN BARBOSA

por Marta Corrêa / Nilton Gutierrez  
Escritores e cantores

*Oi, João Rubinato. Agora eu sei dim donde você veio. Foi de Valinhos. Lá num tinha adifício arto. Veio pra Jundiaí, seu moço, com catorze anos. Aqui arrumô seu primeiro trabaio: entregadô de malmita e pelo caminho já usava da malandrage e surrupiaava arguns bolinho das “quentinhas” pra saciá a própria fome. Será que depois do armoço pegava umas páia nas grama do nosso jardim?*

*Nóis num vamo esquecerê qui passô dias feliz de sua vida aqui na nossa cidade. Depois, arranjà outro lugar, Santo André e São Paulo. Virô Adoniran Barbosa, mas antes de ser famoso, levou muita frechada no coração. Será que dormiu em cima de tauba? Foi se apaixoná pela Pafunça que num qué mais nem lava suas ropa . Ela quase levou um tiro do Álvaro. É melhó pegá o trem das onze e ir pra Jazãã cuidá da sua mãe. Inté.*

Adoniran Barbosa nasceu João Rubinato, em 06/08/1910 em Valinhos/SP, filho de pais italianos. Foi compositor, cantor, humorista e ator. Seu primeiro sucesso como compositor foi com a marchinha carnavalesca *Dona Boa*, vencedora do concurso da prefeitura em 1935. Como ator radiofônico, criou uma série de tipos populares, baseados nos moradores dos bairros do Brás, Barra Funda e Bixiga e em pessoas das favelas. Suas músicas relatam o cotidiano das populações mais pobres desses bairros e o quanto o comportamento, costumes, cultura mudavam com a chegada do progresso.

Compôs algumas obras-primas que hoje estão na boca do povo: *Samba do Arnesto* (1952), *Saudosa Maloca* (1955), *As Mariposa* (1955), *Pafunça/Tiro ao Álvaro* (1960).

As charges e caricaturas foram produzidas por José Felício e seus alunos: Juliana Ezquerro, Giovana Ezquerro e Winicius Fernandes.



Letras

A música *O Trem das Onze* escrita em 1951, não teve muita repercussão na época. Só se tornou conhecida quando gravada pelo conjunto paulistano – “Os Demônios da Garoa”, atualmente sua composição de maior sucesso.

No período de 1946 a 1977, atuou como ator em catorze filmes, dentre eles: *O Cangaceiro* e *Esquina da Ilusão*.

Na televisão participou das novelas: *Quatro Homens Juntos* com o personagem “Galinha Morta”, e *Ceará Contra 007*, no papel de Giacomo.

É importante ressaltar sua relação com a cantora Elis Regina que tinha profunda admiração pelo compositor e pelo ser humano Adoniran. *Tiro ao Álvaro* foi uma das últimas canções compostas por ele que Elis gravou magistralmente. Além de *Tiro ao Álvaro* outra canção de Adoniran eternizada na voz da “Pimentinha” foi *Saudosa Maloca*. Adoniran teve uma vida dura, correndo atrás do sucesso e só conseguiu definitivamente seu espaço como compositor e cantor com o gênero “samba” e com a apropriação da linguagem popular paulistana, com seu ritmo diferente de todas as outras do país. É através desses dois elementos que o compositor constrói os mais variados tipos que habitavam e habitam até hoje principalmente o bairro do Bixiga na capital. Assim, o homem Adoniram consegue a tão sonhada “fama” e com ela nos brinda com seus sambas atemporais e inesquecíveis que trazia em suas letras outra marca do artista: o seu sensacional humor.

*Pois é Sr. João ADONIRAN Rubinato... “se o Sinhô num tá lembrado dá licença de eu contá”...o Sr. fez seu nome no cenário musical deste país de forma ímpar e seu samba “Trem das Onze” é cantado e sempre será enquanto houver um boêmio, um sambista, um intérprete e um apaixonado por biritá.*



João ADONIRAN BARBOSA Rubinato faleceu em São Paulo, de enfisema pulmonar, no Hospital São Luís, aos 72 anos, em 23/11/1982.



# A Sétima Arte

por Susana Bueno de Souza  
Fonoaudióloga a e escritora

Tinha aproximadamente oito anos de idade quando fui apresentada a ele.

Era grandioso seu espaço, sua tela, o som. Ali havia regras claras. Não era permitido os pés nas cadeiras, quando as luzes se apagassem, todos deveriam silenciar, pois o filme iria começar.

Fui levada por uma tia, em companhia de alguns primos. *Marcelino Pão e Vinho*. Uma estreia tão intensa para uma pequena criança que jamais me esqueci. Desde aquele dia, carrego uma singular paixão pela conhecida sétima arte.

Uma arte que integra as demais: pintura, escultura, arquitetura, música, dança e poesia.

Seus amplos espaços foram sendo reduzidos às intimistas salas em shoppings, experiências tridimensionais, sensoriais, com direito a poltronas reclináveis, menus gourmets e sons amplificadas.

Por mais confortáveis e interessantes que sejam, para mim não substituem o prazer de se ter

um primeiro encontro amoroso em seu espaço, em pequenas e calorosas cadeiras no fundo da sala.

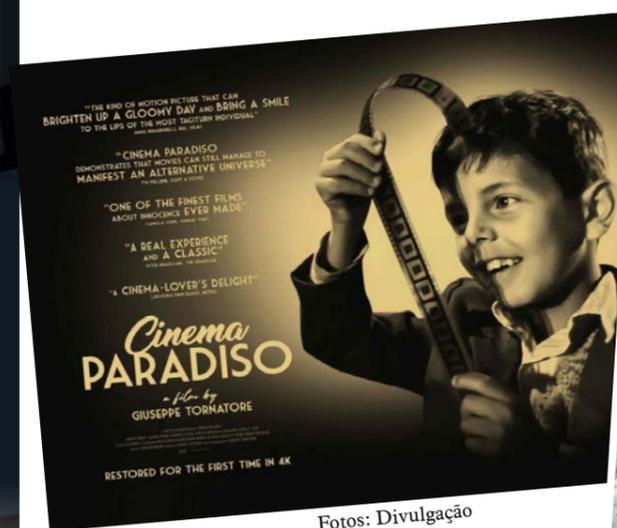
Foram em suas antigas e grandiosas salas que boa parte das gerações nascidas entre 1940 e 1980 deram seu primeiro beijo.

Em suas escuras salas, muitos romances se iniciaram e também finalizaram, junto com a plaqueta *The End* de suas obras.

Grandes clássicos ali se eternizaram, com as mais belas trilhas sonoras e incríveis roteiros que nas mãos hábeis de grandes diretores, levaram homens e mulheres até então desconhecidos, a papéis e personagens que os elevaram ao Olimpo dos atores e atrizes inesquecíveis.

Nesse espaço estaremos trazendo um pouco dessa arte tão envolvente, que nos faz rir, chorar, mesmo que em meio à centenas de pessoas.

Bem vindo ao adorável mundo do Cinema.



Fotos: Divulgação



Vem aí um período de festas, férias escolares e estando todos mais contidos, por conta da pandemia. Ter uma boa lista de filmes, garante boas horas de laser.

Dividimos por temas alguns dos bons filmes que a sétima arte já produziu.

## Filmes sobre cinema

- Cinema Paradiso
- A invenção de Hugo Cabret
- A rosa púrpura do Cairo
- Birdman
- O artista
- Era uma vez em Hollywood
- O show de Truman

## Clássicos

- Os intocáveis
- Dr. Jivago
- Táxi Driver
- As pontes de Madison
- Pulp Fiction
- Matrix
- Clube da luta

## Drama

- My life
- Um olhar do Paraíso
- Milagre da cela 7

## Reflexões Sociais

- Parasita
- Quem quer ser um milionário
- Roma
- Coringa

## Nacionais

- Dois coelhos
- Bacurau
- O alto da compadecida
- O palhaço
- Que horas ela volta?

## Para família

- Extraordinário
- Crônicas de Natal
- A fantástica fábrica de chocolates
- Benji
- Contos de Natal
- Crônicas de Nárnia
- Divertidamente



## O espelho de nós mesmos

por Caetano Imbo  
Escritor e artista plástico

*“Tendo em vista que a superestrutura se modifica mais lentamente que a base econômica, as mudanças ocorridas nas condições de produção precisaram mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura. Só hoje podemos constatar sob que forma isso se deu.”*

Walter Benjamin, **Obras escolhidas**

Somos seres vivos imbuídos de saberes, com capacidade de absorver conhecimentos e apreciadores da cultura. Tudo depende de nós ou de outrem. O sentimento é sempre incomum ao outro.

Porém, desde que nos sucumbimos ao desejo, à vontade e às tendências, também vimos que sofremos por falta de algo. O que nos traz a esta senda díspar de imitações, onde nos vemos em frente ao espelho como falta em nós.

É assim a nossa imagem, meia parte de nós, ao perfilarmos na frente de uma obra de arte, na qual se manifesta as particularidades de cada olhar, ao apreciá-la com o finito que nos circunda a alma. É ela, o espelho do que não podemos interpretar e nem ver, o outro lado da moeda, o impenetrável sendo nós humanos.



*Ponto de equilíbrio, óleo sobre tela.*



*Singular, óleo sobre tela.*



*Fonte de vida, óleo sobre tela.*



*Balaio, óleo sobre tela.*



*Batente, Caneta sobre tela.*



*Lantê, óleo sobre tela.*



Comunhão, óleo sobre tela.



Buly, caneta sobre tela.



Frente a frente, óleo sobre tela.



Mordança, óleo sobre tela.

O nosso reflexo no espelho ou na lâmina da água é superficial, provocando em nos a sensação de falta. Ingentuamente, pensarmos que somos hábeis o suficiente para exercer a função dos do além: interpretar uma obra de arte. O que nos torna menos merecedores de algo grandioso por nos atrevermos a acessá-la como intérpretes, sabendo que o nosso saber limitado como é o dos mortais.

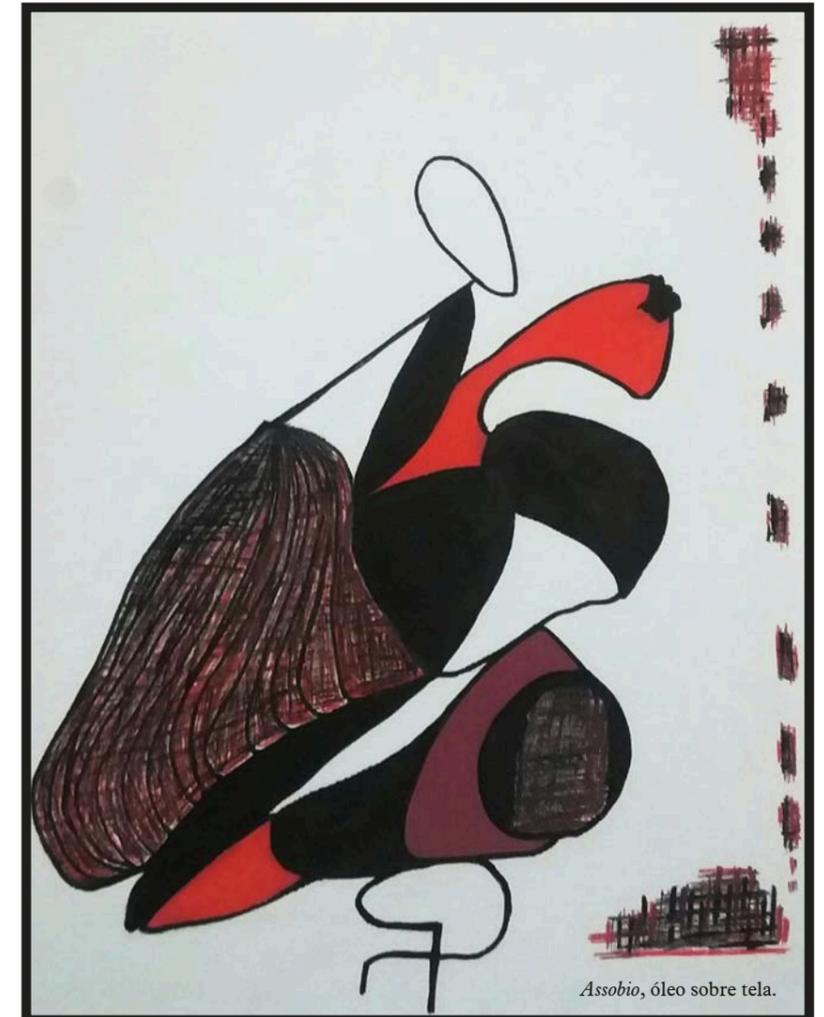
Isso não nos torna indignos de visitar galerias para passar a vista nas telas ali expostas ou ir à casa de um amigo para apreciar uma boa cerveja, trocar ideias sobre a cultura e a literatura, sejam lá quais forem as motivações.

Imagino que alguns de nós está renunciando à parte abrangente das culturas por ser periférica, uns por pretensa religiosidade, outros por minimizar a arte como parcela preponderante do saber humano, ou ainda por ignorância e assim por diante.

Humano sempre humano contrariando a nós mesmos. O espelho, então, penetra o incompleto que habita as mentes onde alguns são entusiastas dos olhos que cintilam ao perfilarem as brechas das galerias de arte.

Sendo amantes do que não é amável, senão apreciável pelos olhos do amor e saber. A plenitude representada pela figura da arte subtrai o nosso poderio, tornando-nos, assim, subalternos ao que é arte.

Somos grosseiros em todos os sentidos quando falamos da arte e quando nos aproximamos dela, nos falta a sensibilidade, o entendimento, a compaixão, o amor para tal. A barbárie é o que habita a mente dos decadentes. Porém, perto dela nos sentimos vivos e próximos de Deus e, assim, no centro das culturas.



Assobio, óleo sobre tela.

*“A maldade não tem como finalidade em si o sofrimento do outro, mas sua própria fruição sob forma, por exemplo, de um sentimento de vingança ou de uma intensa excitação nervosa. Qualquer brincadeira já mostra como dá prazer exercer o próprio poder sobre outrem e chegar com isso ao sentimento agradável da superioridade.”*

Nietzsche,  
**Humano Demasiado Humano**

Desse modo, as incertezas inundam os espaços e invadem o nosso agora como o espelho que nos dá prazer e desprazer. Sendo o humano, que sempre seremos, refletidos pelo espelho como animais na falta de nós.

# A respeito de Newton Malvezzi

por Rosalie Gallo y Sanches  
Professora, poeta e escritora

A ele nunca bastou a bidimensionalidade. Queria muito mais que a largura e a altura. Queria volume. Queria movimento. Queria escapar da moldura à qual estivera habituado desde criança, vendo o pai trabalhar com quadros.

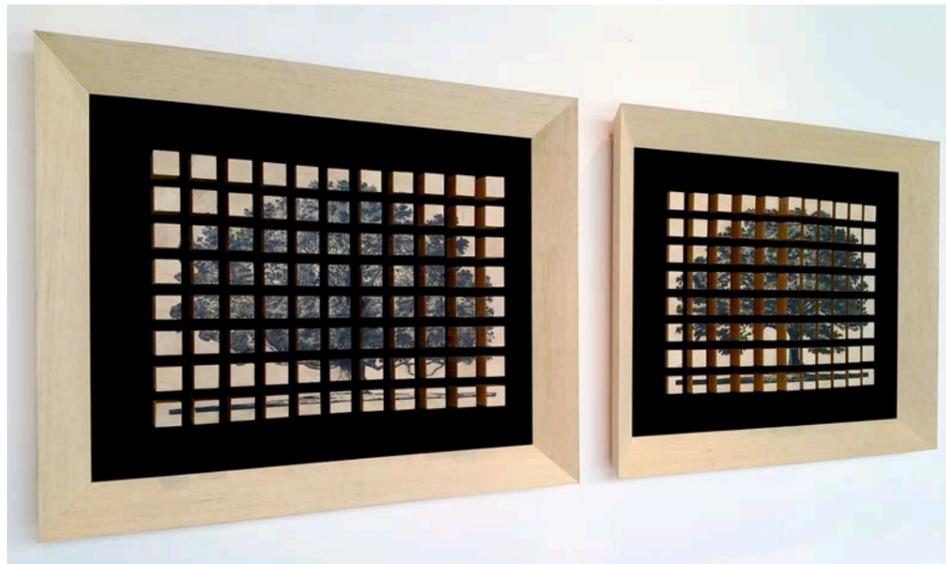
Primeiro, começou a recriar com o que existia e depois evoluiu para suas criações geométricas, onde o espaço saltou do plano e invadiu olhos e paredes.

Não são apenas quadros o que Newton Malvezzi cria. Não é apenas decoração o que ele pretende. Seu intento é muito mais audacioso. É fazer deleitar os olhos com mais.

Da linha reta (a conhecida sequência de pontos) o artista cria caminhos diretos dos olhos às almas e nos transporta àquele ponto interior – também infinito nesta reta! – em que o êxtase não se explica, apenas se sente e faz rejubilar. No

jogo de volumes vemos o movimento que há no artista e deseja se expressar, deseja sair dos limites, deseja extrapolar. E consegue. Ora com cubos de madeira, ora com folhas gigantescas da flora brasileira, ora com interferência em fotografias, ora com outros materiais ligados a reciclagem em nível industrial.

Arnheim deveria ter conhecido a produção de Newton Malvezzi. Saber que o poder do centro não mais pertence à obra de arte, a não ser que ela se subordine à bidimensionalidade. Na obra de Malvezzi, o poder do centro se transferiu lindamente do artista ao espectador. E assim, nas variadas técnicas que desenvolve, o artista amplia seu mundo e o transfere a cada um de nós. Muitas obras suas estão espalhadas no Brasil e no exterior. Uma delas, por exemplo, no apartamento do jogador Neymar.



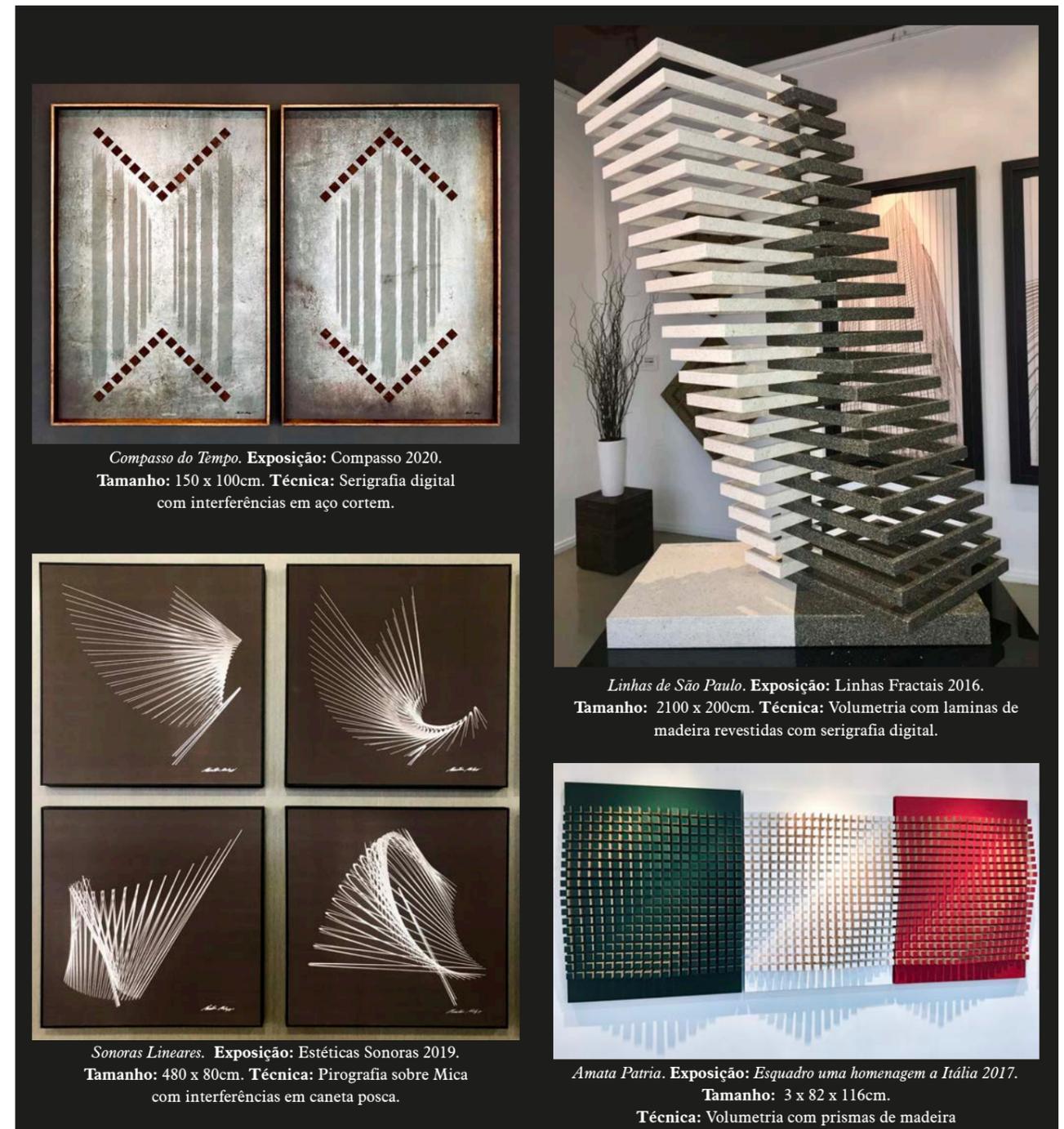
*Grandes Árvores.* Exposição: Fractais 2015. Tamanho: 268 x 96cm. Técnica: Volumetria com prismas de madeira com desenho em caneta posca.

Nos últimos tempos realizou a exposição *Esquadro* (2017); transformou o logotipo do consórcio Canopus em uma escultura, utilizando material da própria empresa a fim de comprovar a missão de sustentabilidade adotada; vendeu a coleção Numeri para a coworking Legato, criando para a empresa espaço cultural e ali desenvol-

vendo trabalho de curadoria para outros artistas.

Newton Malvezzi é a prova de que na Arte tudo é possível quando o espírito da criação desconhece limites.

**Contato com o artista:**  
Newton Malvezzi - 17 9.9135-7368

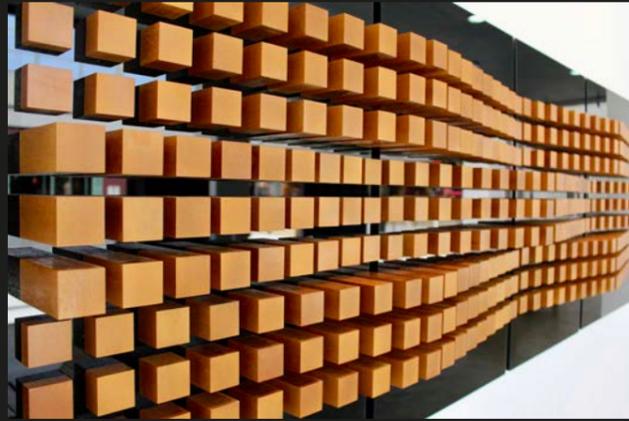


*Compasso do Tempo.* Exposição: Compasso 2020.  
Tamanho: 150 x 100cm. Técnica: Serigrafia digital com interferências em aço cortem.

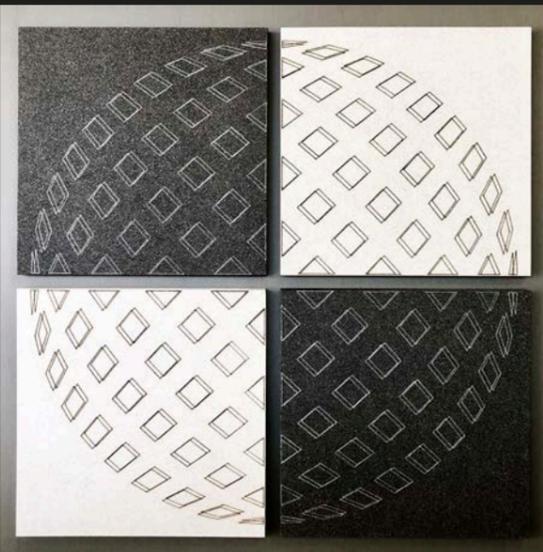
*Linhas de São Paulo.* Exposição: Linhas Fractais 2016.  
Tamanho: 2100 x 200cm. Técnica: Volumetria com laminas de madeira revestidas com serigrafia digital.

*Sonoras Lineares.* Exposição: Estéticas Sonoras 2019.  
Tamanho: 480 x 80cm. Técnica: Pirografia sobre Mica com interferências em caneta posca.

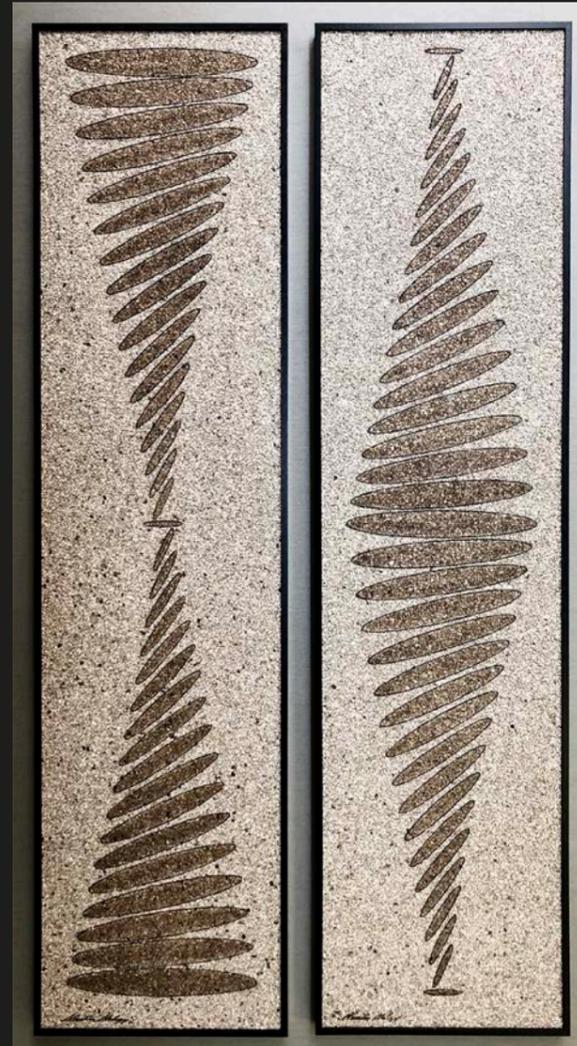
*Amata Patria.* Exposição: *Esquadro uma homenagem a Itália* 2017.  
Tamanho: 3 x 82 x 116cm.  
Técnica: Volumetria com prismas de madeira



**Ondas Sonoras.** Exposição: Fractais 2015. Tamanho: 4 x 62 x 82cm.  
Técnica: Volumetria com prismas de madeira sobre cristal preto.



**Sonoras Lineares.** Exposição: Estéticas Sonoras 2019.  
Tamanho: 480 x 80cm. Técnica: Pirografia sobre Mica com interferências em caneta posca.



**Fade In Out.** Exposição: Estéticas Sonoras 2019  
Tamanho: 236 x 180cm. Técnica: Pirografia sobre Mica com interferências em caneta posca.



**Numeri De La Fortuna.** Exposição: Esquadro uma homenagem a Itália 2017. Tamanho: 10 x 50 x 70cm.  
Técnica: Volumetria com laminas de madeira.

# O Cérebro e o Corpo Humano

(Neuropsicopedagogia)

por Bel Lopes  
Neuropsicopedagoga e escritora



Temos várias teorias e histórias para explicar a origem dessa máquina, chamada corpo humano.

É instigante, observar a estrutura do nosso corpo, como se defende, manifesta e reage, suas necessidades, percepções e sentidos, como fazê-lo funcionar bem.

A perfeita comunhão corpo + mente + alma... É o mistério que a própria vida apresenta. Mas vamos falar do cérebro...

Mais inteligente que um computador, indolor, pois não possui receptores sensíveis para tal, pesa aproximadamente 1,5 kg e consome 1/5 da nossa energia. Massa celular gelatinosa de cor

cinza rosada, protegida pelo crânio e que começa atrás dos nossos olhos e nariz, estende-se ao palato, ocupa a testa e o occipúcio. Sua prolongação, a medula espinhal, vai até as nádegas.

É um órgão unitário, de 1 bilhão de células nervosas com 100 bilhões de pontos de conexão, as sinapses. É descrita como duas partes localizadas em alturas diferentes e com camadas entrelaçadas e de difícil diferenciação. Com pequenas células é seguido por vias nervosas e se colocadas em reta chegariam a um comprimento de 1,6 milhão de km. O cérebro é a base de nossa existência, afinal controla todos os nossos mecanismos. Caso ele pare, nos resta 4 minutos de vida.

### MECANISMOS E CONTROLES

Uma camada em forma de meia – esfera com metades semelhantes ao formato de uma noz que medem 2.2000cm<sup>2</sup> e 1,5 a 3mm de espessura denominada córtex ou córtice cerebral. A camada superior contém seis áreas. O neocórtex, área cerebral que nos diferencia dos outros animais. Com 70% de todas as células nervosas em uma espessa concentração que liga cada uma a milhares de outras. Sob o córtex, encontra-se uma



substância branca, a medula espinhal, constituída de fibras nervosas que formam um feixe de cabos através do qual os neurônios do córtex se mantêm em contato com os demais centros de informação. Distinguimos três seguimentos: Uma parte que une territórios do córtex cerebral de ambos os hemisférios, chamadas de vias de associação. Um outro constituído por vias que formam o corpo caloso e que unem as metades do cérebro. O terceiro, as vias piramidais que vai

até a medula espinhal e retorna. É uma espécie de cápsula constituída por três membranas, as meninges, responsáveis por nos incomodar quando estamos com dores de cabeça.

### CONTROLES ORGÂNICOS

A região cerebral mais antiga é o bulbo raquidiano, localizado na base do cérebro, este o rodeia por completo. Temos então, diferentes partes: A inferior é composta pela medula, é o ponto

de união com a medula espinhal. Um pouco acima, o diencéfalo e o mesencéfalo, que estão rodeados pelo cérebro. Acima encontram –se as duas glândulas, epífise e hipófise, que através dos seus hormônios influenciam as diferentes funções do organismo. O cérebro é subdividido em cinco partes: Os lóbulos temporais, o lóbulo frontal, os lóbulos parietais, occipital e insular. Outra área essencial do cérebro é o sistema límbico onde controla os nossos sentimentos e tem estreita re-

lação com o neocórtex. O cerebelo está localizado aproximadamente na mesma altura das inserções capilares, na parte posterior da cabeça, desempenha várias funções autônomas, principalmente o controle do movimento e do equilíbrio; esta “função” do cérebro é muito antiga na nossa espécie. A medula espinhal é a conexão entre o corpo e o cérebro e está protegida pelo interior da coluna vertebral. Mede aproximadamente 1 cm de espessura e 45 cm de comprimento. Ademais, existe outro sistema de conexões diretas, os doze nervos encefálicos, responsáveis pelo controle das funções sensoriais e básicas do corpo, cito o estresse e as transformações hormonais, através dos nervos vagos e simpáticos.

### SEM REGENERAÇÃO

Ao contrário do corpo, as rupturas da medula e das células cerebrais não podem ser salvas. Sua formação foi concluída no momento do nascimento. Só aumentam de tamanho e constroem juntas um complexo de redes de sinapses.

Pesquisas demonstram que o cérebro só utiliza 15% das suas conexões e o que ocorre com os 85% é ignorado. Com a ajuda de aparelhos radiológicos, observou – se o funcionamento do cérebro diante da introdução do açúcar na corrente sanguínea. Técnica chamada de PET, tomografia por emissão de pósitrons, e mostra as áreas cerebrais que utilizam glicose como portadora de energia. Esta técnica representa um salto no que diz respeito aos procedimentos anteriores, como os eletroencefalogramas, que mostram a atividade cerebral através do registro das ondas cerebrais

### O LEGÍTIMO COMPUTADOR

Antigamente o cérebro era dividido segundo a sua missão em 52 áreas corticais, que correspondiam aos centros de Broca, Wernicke para a formação e controle da fala, audição, olfato e visão. Hoje, é considerada uma leitura ultrapassada, descobriu-se que os territórios funcionais se ligam e se escondem

através de uniões medulares a outros centros cerebrais, sobrepondo –se ao sistema límbico. Suas funções são separadas parcialmente, ligam –se de forma complexa e milhões de vezes, como os sistemas de informação dos computadores.

### PROCESSOS COGNITIVOS E NÃO COGNITIVOS

Cognitivos, verificam, reconhecem e fazem parte da consciência. Não cognitivos ou condicionados, recebem e assimilam impressões sensoriais, situam –se no plano inconsciente. Neste caso, não há uma separação simples e definitiva. Por exemplo, quando sentimos alegria ou tristeza são as funções não cognitivas em nosso pensamento que influenciam as ações conscientes e os processos mentais; principalmente o límbico, que entrelaça ambas as funções com suas emoções incontroladas. Também existe o subconsciente, regido por si mesmo, onde seus conteúdos afloram e submergem novamente. É considerada uma das qualidades intelectuais mais admiráveis do ser humano: a criatividade, com certas associações e tendências emotivas. Nos deparamos com arcaicos modelos de comportamentos fortemente arraigados, inclusive mais do que herdamos, precedentes de nosso passado animal e que se encontram no cérebro. Passados de geração à geração, como a agressividade, a procura da “cara metade”, a submissão, hábitos impostos, o instinto maternal...Tudo com evidência origem animal. Esses gestos nos leva a épocas mais remotas, aos modelos de comportamento animal, como exemplo o da proteção aos filhotes. Sucessão contínua, bem como o raciocínio e a aprendizagem, funções cruciais nos mamíferos e em alguns pássaros. É notável o enraizamento destas capacidades no ser humano, o que lhe permite desenvolver a fala, o senso de tradição, para construir cultura, incluindo arte, a técnica, religião e o desenvolvimento social e científico. Podemos, assim, ter chegado à resposta sobre a origem do cérebro.

## FotoPoesia

por Rosalie Gallo y Sanches  
Professora e escritora

I  
O vazio da casca  
mostra tudo:  
o que não houve  
e não há mais,  
na aparência.

Ao olhar bem o vazio,  
entretanto,  
vê-se o tudo,  
o que era,  
o que foi  
e ninguém viu.

II  
Leio dores sempre presentes  
na cicatriz,  
marca do tempo  
inesquecível  
mais por dentro  
que por fora.

Que ninguém saiba.

III  
Novas raízes percorrem  
o tronco  
trincado  
truncado  
nunca visto.  
Feio e enrugado,  
serviu apenas às flores  
e aos olhos tristes  
que esperaram a efêmera primavera.

IV  
O tempo  
trinca  
o tronco  
que abriga o musgo  
que alimenta a orquídea  
que serve aos outros.

Deus,  
porém,  
abençoou suas fortes raízes  
escondidas dos olhares mundanos.

V  
A mariposa  
pousa  
e posa  
mimética  
no tronco rústico.  
Descansa  
e nem percebe  
o predador sorrateiro,  
silencioso  
e criterioso,  
salivando por seu almoço.

VI  
Percorro o tronco  
qual veia exposta  
em busca da seiva.  
Crio trilhas,  
desenho linhas  
e sugo,  
da árvore dadivosa,  
o silêncio da vida.

VII  
Ser parasita.  
Nada fazer  
até que explode um broto  
que faz parir a orquídea carmim.  
O vento canta-lhe melodias de amor.  
A chuva mansa banha-lhe as delica-  
das pétalas  
mas a morte se aproxima.  
Imóvel,  
à sua frente,  
aguarda que a flor se amedronte,  
que se encolha  
até cair sem forças  
por terra.

Sem vida,  
sem cor,  
sem beleza,  
sem lembranças  
a não uma foto qualquer,  
guardada.

Por enquanto.

Fotos: Rosalie Gallo y Sanches

VIII  
Cantei.  
Cantei muito.  
Na morte iminente  
agarrei-me ao tronco  
e aqui escrevo,  
com meus restos,  
o epitáfio da vida:  
Cantei enquanto pude.

IX  
Enrolado ao tronco,  
jovem e audaz,  
tento subir  
deixando atrás  
vestígios do que fui  
para ser  
o que hoje sou.

X  
Mais que a superfície,  
a mancha tinge a alma.  
Do centro,  
a cor da morte respira  
e se alastra  
imitando o verde da vida,  
iludindo a todos.  
Mais que a todos,  
a si mesmo,  
por acreditar que é possível.

# Fotografias:

Além de apreciadas formas de arte visual, também relembram momentos de nossas vidas

por João Carlos José Martinelli  
Advogado, jornalista, escritor e professor

As fotografias, antigamente indicadas por retratos, hoje cheia de modismos como os “selfies” e divulgadas amplamente em redes sociais, constituem-se em fortes instrumentos para relembrarmos momentos que marcaram nossas vidas. Por isso, há cientistas sociais que dizem, em quaisquer circunstâncias, até nos flagrantes de tristeza, geram memórias positivas na construção da cultura familiar. Com efeito, têm o poder de renovar, através da lembrança, compromissos, votos, sonhos e nos faz reviver aspectos que geram esperanças.

Não são obras finais de um único criador. Ao longo da história, pessoas foram agregando conceitos e processos que lhe deram origem como a conhecemos. E apesar de disseminada atualmente em inúmeros aparelhos, de celulares a computadores e as próprias câmeras digitais ou analógicas, surgiu há 181 anos. No dia 19 de agosto de 1839, a Academia de Ciências da França consagrou o “daguerreótipo”, invento de Joseph Nicéphore Niépce, como a primeira máquina fotográfica, instituindo-se essa data como **Dia Mundial da Fotografia**.



Prédio do antigo Grupo Escolar Cel. Siqueira de Moraes, hoje, Pinacoteca Municipal Diógenes Duarte Paes

Foto: João Carlos José Martinelli



Visão de parte da Serra do Japi através do Parque Botânico Eloy Chaves

Foto: João Carlos José Martinelli

Reiteramos aqui sua relevância. Como afirma o ditado popular, “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Realmente, a fotografia pode ser construída de fragmentos que representam o presente no exato instante do clique, mas segundos depois ou até mesmo anos, irão representar o passado de um objeto, indivíduo ou lugar.

Fruto de uma cena elaborada ou simplesmente ao acaso rendem a história, o registro e revalorização da ocasião registrada. Com a introdução de valências estéticas também se tornaram numa das mais importantes e apreciadas formas das artes visuais. E nessa área tem sido responsável por exposições de trabalhos de excelente nível.

Ronaldo Entler escreveu certa vez com brilhantismo que “*definimos com frequência a fotografia como um recorte de tempo e espaço, mas essas variáveis têm merecido níveis desiguais de atenção em nossas reflexões.*” Efetivamente, é a única maneira de congelar para sempre um determinado instante. Através dela, conseguimos voltar ao tempo, relembrar momentos de diversão, tristezas, alegrias, amor, carinho e infinitos sentimentos e lembranças.

E quase todos os fotógrafos, os quais ora reverenciamos, preferem ver o mundo com os olhos das suas almas, o que as tornam verdadeiras obras artísticas, individuais ou coletivas, de acordo com as emoções que despertam.

# Coisa nossa!

A vida em seus momentos mais do que especiais...

por Grupo Palavras Sem Fronteiras



Curtam nossos momentos!  
Para descobrir quem é,  
quando e onde estamos,  
é só entrar na página da  
Letras no  
Facebook ou Instagram



# O Gabinete

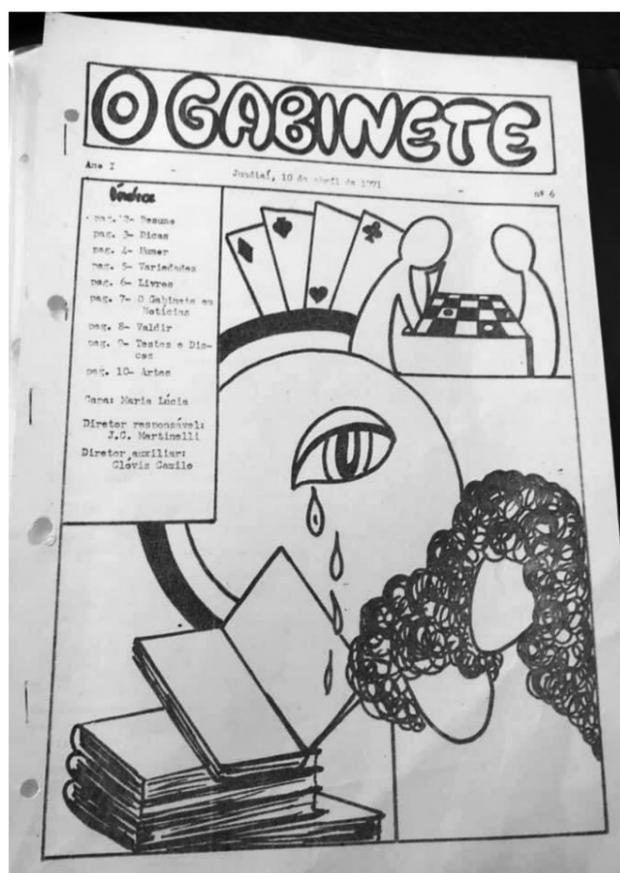
## Jornal mimeografado, sucesso entre os jovens jundiaenses nos anos 70

por João Carlos José Martinelli  
Advogado, jornalista, escritor e professor

Um dos principais pontos culturais de Jundiaí, o Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, localizado na Praça com o mesmo nome do escritor baiano, no centro da cidade, há muito tempo propicia entretenimento e muitas opções literárias aos seus associados, sobrevivendo inclusive, ao forte apelo tecnológico da internet. E lembramos aspecto interessante de sua história: um periódico que circulou há quase cinquenta anos e lançado também na data comemorativa da cidade.

Em meados de outubro de 1970, um grupo de alunos do curso colegial, dois do Instituto Experimental de Educação de Jundiaí, eu e José Carlos Fonseca, e dois do Colégio Estadual Dr. José Romeiro Pereira (GEVA), Allan Ferraz dos Santos Jr. e Clóvis Camilo Abumrad, resolveu reeditar “O Gabinete”, que tinha circulado na década de 40, então sob a coordenação do Prof. Joaquim Candelário de Freitas. A partir daí iniciaram conversações com os diretores da entidade, para que fosse adquirido um mimeografo elétrico, a grande novidade da época, o que efetivamente ocorreu.

Assim, no dia 14 de dezembro de 1970 circulava a sua primeira edição. As despesas com a sua confecção eram cobertas pela única publicidade veiculada, a da Brasil Escolas Reunidas do saudoso prof. Emílio José dos Santos, depois substituída nas edições futuras por um anúncio do Credi Rei. Contou com grande apoio de Tobias Muzaiel, diretor do Jornal de Jundiaí e do Diário



de Jundiaí e tio de um dos idealizadores, Clóvis, cujo apelido era “Cuca”.

O jornal circulou até abril de 1971, quando por falta de recursos financeiros e por imposição de alguns diretores ligados ao regime militar, que sentiam-se desconfortados com algumas abordagens, foi extinto, trazendo em sua edição de nº 6, uma bela capa idealizada pela artista-plástica Ma-

ria Lúcia Martinelli Panizza, enfocando algumas atividades do Gabinete de Leitura (livros, jogos de xadrez e damas, atividades artísticas) e ao centro, uma vista com lágrimas por essa despedida.

Durante o pouco tempo de sua existência, destacou-se pela importância dos temas enfocados e diretamente ligados à juventude; pelas notícias da entidade e pelo lançamento de alguns futuros jornalistas locais como eu que iniciei carreira no JJ em 1971, Carlos Roberto de Almeida Motta, Jamil Giacomello, Sérgio Bocchino, Silvio Carlos Checchinato (colunista social do *Jund News*) e prof. Emílio Mazzola, que posteriormente assinou por muitos anos uma coluna especializada em filatelia. Outros colaboradores

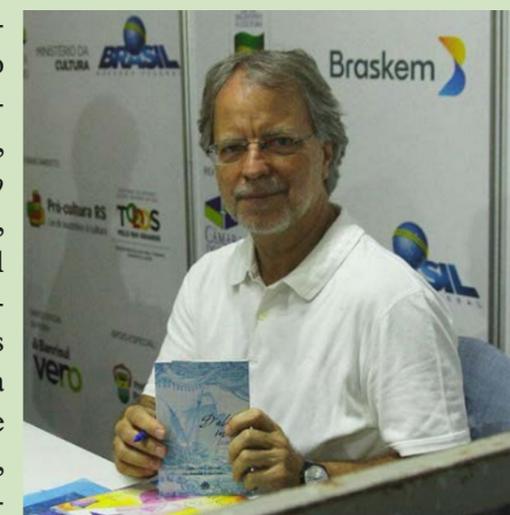
foram Jorge Salim, Vera Mariotti, Valdir Tafarello, Maria Cristina Vieira, Arie Victor de Moraes, James Vianna, Manoel José Pontes de Oliveira, José Carlos Oliveira, Iberê Santos, Ricardo da Cunha Mello e Ademar dos Santos Filho.

Todo ele era feito pelos quatro idealizadores, desde a datilografia no “estêncil”, até a impressão realizada nos porões do Gabinete de Leitura onde permanecia o mimeógrafo. Era um trabalho árduo, mas compensador face à grande repercussão que obtinha, principalmente entre estudantes. Uma época marcada pela ativa participação dos jovens na vida comunitária e pelo próprio encanto do momento, repleto de criações artísticas de alto nível e por uma permanente revolução etária.

# Mia Couto

por Jefferson Dieckmann  
Escritor e poeta

Em 2017, os poetas Jefferson Dieckmann e Márcio Martelli escreveram o livro *D'além mar - Poesias*. Após ser lançado pelo Márcio na *Feira do Livro de Lisboa*, chegou a hora de lançá-lo na *Feira do Livro de Porto Alegre*, tarefa essa que coube a mim, o outro autor. Após o lançamento oficial do nosso livro, em uma mesa de autógrafos próxima, estava nada mais nada menos que o grande escritor moçambicano Mia Couto. Mais que depressa, entrei na fila de autógrafos da nova obra do ídolo literário, levando em mãos um exemplar do nosso livro. Chegando a minha vez, após pegar o seu autógrafo, conversei com ele e contei da nossa obra lançada minutos antes da dele. Ofereci-lhe um exemplar e fiz a foto que ilustra essa reportagem. Eu fiquei imensamente feliz pelo fato dele ter aceito o meu presente e posado com o nosso *D'além mar*. Ele talvez tenha achado que essa pode ter sido mais uma loucura de fã. Não sabemos. O fato é que hoje temos um exemplar do nosso livro na biblioteca deste grande escritor. Missão cumprida!



## O Conselheiro Acácio na obra de Eça de Queirós

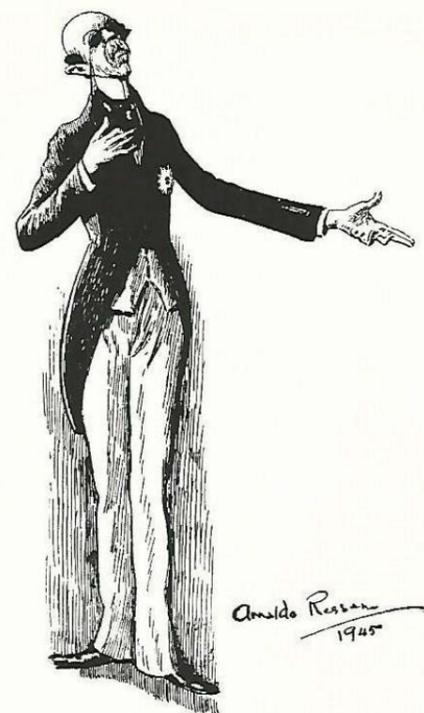
por Jorge Trigo

Escritor e historiador português

O entrevistado que tenho à minha frente é alto, magro, vestido todo de preto, usando paletó, lunetas escuras e apresentando uma calva polida, redonda e larga, brilhante às luzes que iluminam a sala. Trata-se de uma personagem do grande escritor Eça de Queirós que o concebeu enquanto escrevia o seu romance O Primo Basílio. Político irreverente, convicto nas suas ideias, personagem curiosa e enigmática, a seguir nos revela a sua interpretação da política, da vida, da natureza, enfim, do dia-a-dia de todos nós. (Entrevista Imaginária feita por Jorge Trigo).

**J.T. – Sr. Conselheiro fale-nos de si. Onde nasceu?**

**Cons. Acácio –** Nasci em Lisboa e aqui conto morrer. Vim à luz do dia na Rua de S. José, nº.75, junto à casa onde viveu até casar, o meu presado Geraldo... o meu pobre Geraldo!



**J.T. – Várias pessoas me têm dito que o sr. Conselheiro evita dizer onde mora...**

**Cons. Acácio –** Intrigas, isso sim! Nada tenho a esconder. Resido praticamente sozinho, pois não tenho família, num terceiro andar da Rua do Ferregial...

**J.T. – Praticamente sozinho...**

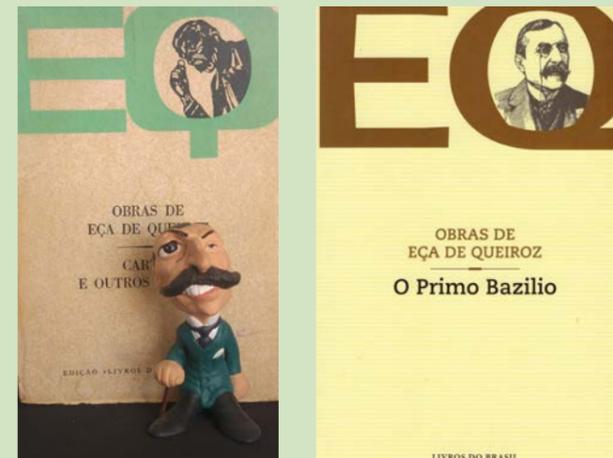
**Cons. Acácio –** Não totalmente porque tenho a minha criada...

**J.T. – Ao que julgo saber é um amante de Música e aliado a esta tem um especial carinho pelas Filarmónicas...**

**Cons. Acácio –** Sim. Sim. Em tempos atrás, na minha juventude, toquei rebecca e flauta com o Geraldo. Tínhamos um duo muito afinado. Aliás ambos pertencemos à Filarmónica da Rua de S. José. Depois abandonei a rebecca, os sentimentos ternos e os serões da Filarmónica.

**J.T. – Dedicou-se à Política e à função pública...**

**Cons. Acácio –** Olhe, entrei nas Repartições do Estado, por escrupulo e por dignidade! Entreguei-me todo à Estatística.



**J.T. – Mas também se ocupou de outras matérias e ao que sei escreveu algumas obras importantes, essencialmente técnicas.**

**Cons. Acácio –** Tenho-me ocupado com a economia política, compus aliás os “Elementos Genéricos da Ciência da Riqueza e sua distribuição, segundo os Melhores Autores”, e como subtítulo: “Leituras do Serão.” Há poucos meses publiquei a “Relação de Todos os Ministérios de Estado desde o Grande Marquês de Pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente averiguadas de seus nascimentos e óbitos.”

Sabe, fui outrora diretor-geral do ministério do reino e interessei-me deveras sobre estes assuntos. São obras que não têm importância, comparadas com as do nosso Garrett ou do nosso Herculano. Aliás cito-os muito nas minhas conversas.

**J.T. – Tem vivido muito para a escrita e para a leitura...**

**Cons. Acácio –** E umas idas ao Teatro S. Carlos... Aliás, sou um velho assinante. Desde há dezoto anos... Gostava também de viajar... O Alentejo, por exemplo. Nunca lá estive e tenho pena. Sempre desejei lá ir, porque me têm dito que as suas curiosidades são de primeira ordem. Considero aliás o Alentejo, um país de grande riqueza suína! Agora penso noutra viagem. Mas essa é para o Alto de S. João. Até já lá fiz construir, sem vacilar, a minha última morada. Modesta, mas decente.

**J.T. – Não tem receio da morte?**

**Cons. Acácio –** Não tenho arreio. Já tenho tudo determinado. A morada de que lhe falei é ao en-

trar no cemitério, no arruamento à direita, num lugar abrigado, ao pé da choça dos Veríssimos amigos.

**J.T. – Mas, sr. Conselheiro, não acha que é muito cedo para pensar nessas coisas?**

**Cons. Acácio –** Não, não é. E aproveito para dizer que na minha sepultura não quero elogios. Se os meus amigos, os meus patrícios entenderem que eu fiz alguns serviços, têm outros meios para os comemorar. Têm a imprensa, o comunicado, o necrológico, a poesia mesmo! Por minha vontade quero apenas sobre a lápide lisa, em letras negras, o meu nome com a minha designação de conselheiro – a data do meu nascimento e a data do meu óbito. Não me oponho, todavia, a que escrevam por baixo em letras menores “Orai por ele”.

Esta foi a entrevista imaginária com o sr. Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queirós, do romance O Primo Basílio.<sup>1</sup> Aqui se procurou conhecer um pouco desta figura. E em complemento aqui vão mais algumas referências sobre este ilustre personagem que Eça tão bem soube descrever. O Conselheiro Acácio usava paletó com as abas deitadas para trás e um colarinho direito com o pescoço entalado. Uma bengala com castão de prata que representava uma cabeça de mouro. Na sua mão branca usava um anel de armas. O rosto aguçado no queixo, onde tinha uma covinha, ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto. As suas orelhas eram grandes e muito despegadas do crânio. Os cabelos eram tingidos de preto e faziam colar por trás da nuca, de uma orelha à outra. Aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva. Não tingia o bigode. Tinha-o grisalho, farto e caído aos cantos da boca. Nunca tirava as lunetas escuras e era muito pálido. Erguia-se um pouco na cadeira sempre que dizia “El-Rei” e os seus gestos eram medidos até mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais. Por exemplo, não dizia “vomitar”. Fazia um gesto indicativo e

<sup>1</sup>Esta entrevista imaginária foi inicialmente publicada em Portugal, no jornal “A Pena”, nº. 81, Sexta-feira, em 14 de outubro de 1994.

empregava a palavra “restituir”. O Conselheiro Acácio era extremamente cuidadoso com a Língua Portuguesa.

Eça, através deste personagem, procurou retratar uma época em Portugal onde o ideal de modernização era contrariado fortemente por um sistema representativo obsoleto, por uma estéril luta político-partidária, pela falta de verdadeiros líderes políticos e serviços administrativos estatais obsoletos. Portugal estava cheio de Conselheiros... Acácios. Nesta sociedade, tão bem reproduzida por Eça de Queirós, o ser raramente coincidia com o parecer, ou seja, o país vivia essencialmente de aparências!

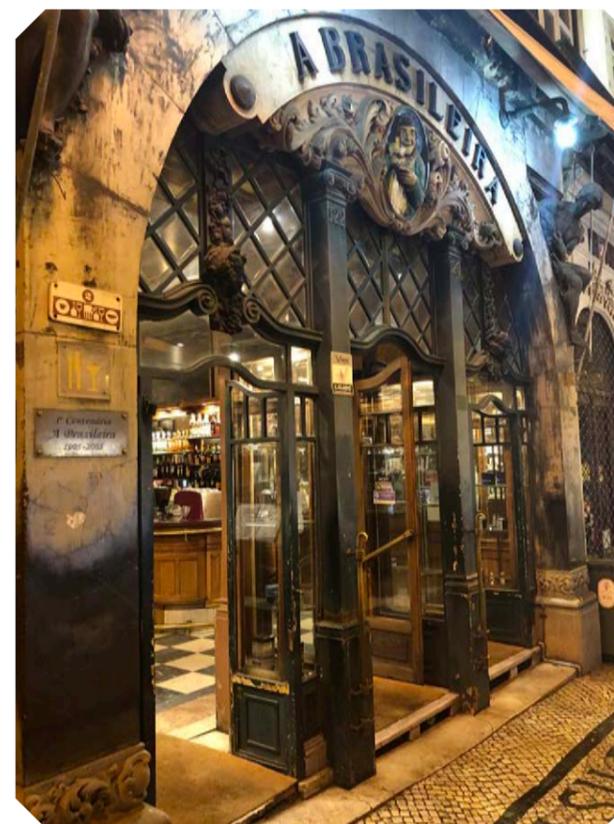
A cortesia dos conselheiros encobria bastas

vezes uma realidade obscura. Vivia-se de aparências.

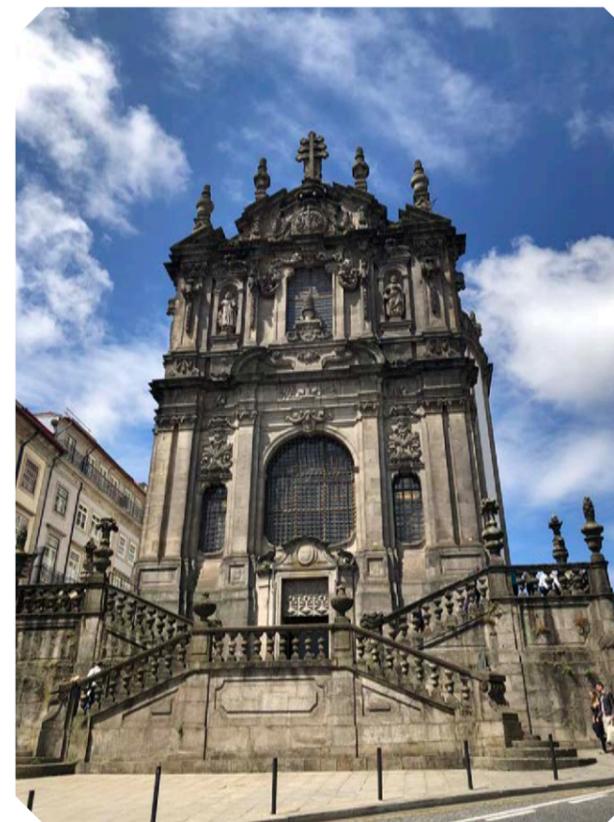
O primo Basílio que dá o título à obra de Eça é amigo do casal Luísa e Jorge, pertencentes à média burguesia de Lisboa. É ainda parente de Luísa. Morou no Brasil e ali enriqueceu fazendo negócios na indústria do caucho. Exportava o produto para a Europa e por isso vinha muito a Portugal.

A sociedade retratada por Eça não mudou em muitos aspetos. Em Portugal e no Brasil continuam a existir muitos Acácios.

*Mantido em seu original (português de Portugal).  
Abaixo, Porto, em foto de Márcio Martelli.*



Na ordem: Café A Brasileira (Lisboa), Palácio da Pena (Sintra), Igreja dos Clérigos (Porto) e Aveiro. (Fotos de Márcio Martelli).



## Londres: um céu cinzento, inúmeras páginas amareladas

por R. R. Mansfield (texto) @rrmansfield  
Patta Binder (fotos) @patta\_binder\_soulphotography

Já me disseram que um bom texto não deve gastar as primeiras linhas com infundáveis esboços sobre as condições climáticas. Mas estou prestes a ignorar tal conselho. Quando penso naquela quinta-feira acinzentada, no finalzinho do outubro inglês, a palavra “frio” me invade a mente e os sentidos. Chovia em Londres. Soprava um vento ardido, teimoso, daqueles a deixar o rosto constantemente gelado. Era necessário haver um motivo grandioso para deixar de lado o lar, a xícara de chá, as pantufas quentinhas.

E eu o tinha. Um passeio com o qual sonhava há meses. Algo que vinha embebido em uma promessa e tanto: me levar a uma viagem ao passado; a uma ruela escondida no centro de Londres, repleta de livros raros e suas encantadoras páginas amareladas; chamado à uma caça por relíquias literárias escondidas atrás de fachadas vitorianas. O lugar que inspirou J. K. Rowling, a autora da série Harry Potter, a criar o beco diagonal. O paraíso de letras a atrair apaixonados por literatura vindos de todos os cantos do planeta. O



meu destino: Cecil Court. Endereço que mantém o charme apesar das intempéries do clima inglês.

Situada no coração de Londres desde o século 17, nas imediações de Charing Cross Road, Cecil Court é uma espécie de viela para pedestres. A arquitetura do local não sofre mudanças há mais de um século. Naquelas lojas é possível encontrar primeiras edições de livros, obras assinadas por autores já falecidos, cartazes de filmes, selos antigos, mapas. O peso histórico vem acompanhado de alguns relatos curiosos – um deles é o fato de o local ter sido residência temporária de Wolfgang Amadeus Mozart quando ele, no alto de seus oito anos de vida, fazia concertos pela Europa, nos idos de 1764.

E ali eu cheguei entusiasmada, cheia de energia para explorar cada prateleira, com a primeira sinfonia de Mozart ecoando no pensamento (dizem alguns que ele a compôs em um dos quartos ao longo daquela ruela, mas há controvérsias). Mal havia dobrado a esquina quando a primeira edição de “*They do it with Mirrors*” (Um Passe de Mágica), de Agatha Christie, sorriu para mim. Ali, resplandecente na vitrine, com seus 68 anos de existência, ao lado de J. R. R. Tolkien, Ernest Hemingway, Patricia Highsmith. Dei uma olhadinha discreta na contracapa e vi a etiqueta com o preço – 700 libras esterlinas (cerca de R\$ 4.900). O olho correu pelos outros livros, todos com valores que variavam de 200 a 1.500 libras (de R\$ 1.400 a R\$ 10.600).

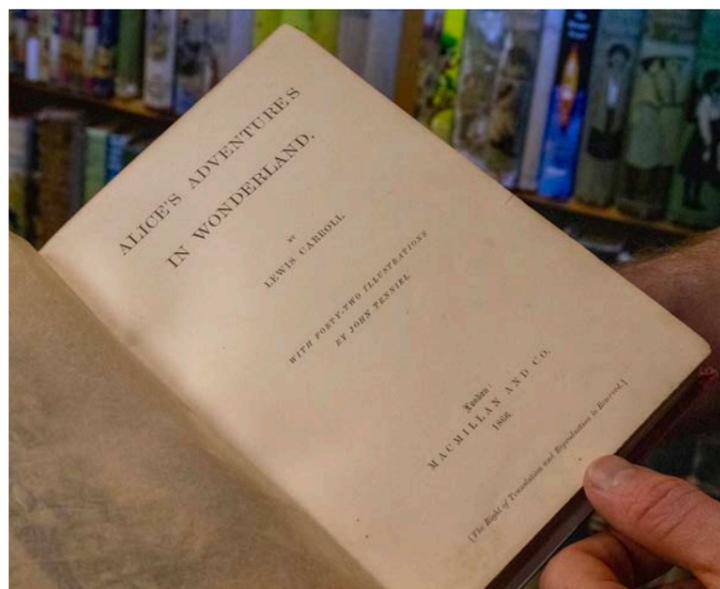


No outro lado da rua, a vitrine da loja Marchpane atraía olhares curiosos: um cartaz oficial do filme “*Harry Potter e a Câmara Secreta*”, assinada pelos atores, brilhava rodeado por outras raridades, entre elas edições antigas de “*O Senhor dos Anéis*” e coleções de contos de fadas infantis. Entro na pequena loja repleta de enormes pilhas de livros e fico admirando duas Daleks semelhantes àquelas da série “*Doctor Who*” – e, com surpresa, ouço que, de fato, elas são originais. Uma delas esteve em um episódio de 1972, “*The Day of the Daleks*”. O mutante extraterrestre não está à venda mas, caso fosse colocado no mercado hoje, valeria ao menos 20 mil libras (mais de R\$ 142 mil).

Exploro o local como se fosse encontrar, a qualquer instante, uma daquelas raridades únicas, que se prende a respiração a tocar com os dedos. E ela vem – a “segunda” primeira edição

de *Alice no País das Maravilhas*, datada de 1886, ao preço de 8 mil libras (R\$ 57 mil). Pergunto se seria possível encontrar a “primeira” primeira edição (o clássico de Lewis Carroll teve duas primeiras edições; a de 1865 saiu com apenas 50 cópias, pois o ilustrador não aprovou a impressão e exigiu as mudanças que originaram a versão de 1886). A resposta é afirmativa, mas não ali, naquelas prateleiras. Há apenas 22 cópias restantes espalhadas ao redor do mundo e cada uma delas vale mais de um milhão de libras (R\$ 7 milhões).

Pergunto se seria possível para um cidadão “comum”, sem tantas libras na conta bancária, adquirir algo na loja. E descubro uma caixa cheia de livretos infantis publicados durante a II Guerra Mundial. A série “*Mighty Midgets*” (algo como “*Os extraordinários pequenos*”), publicada até 1942, era uma forma econômica de manter as crianças entretidas durante os anos de tensão na Europa,



e absorvidas em personagens cheios de coragem e espírito combativo. Cada um deles pode ser adquirido por preços que variam de 75 a 85 libras (R\$ 535 a R\$ 606).



E assim, ainda sem nada ter comprado mas feliz pelo tanto aprendido, continuo com meu passeio pelas lojas. Enrolada no cachecol, escondida sob o casaco de lã, deixo-me levar pelo cheiro da chuva, da tradição da literatura, dos pequenos detalhes contidos em tantos anos de história. Faz frio do lado de fora, queima a curiosidade no lado de dentro. Páginas amareladas sob o céu cinzento... ah! Foi bom mesmo ter saído de casa.



## O homem só

por Thyaty Marcondes  
Escritora e poeta

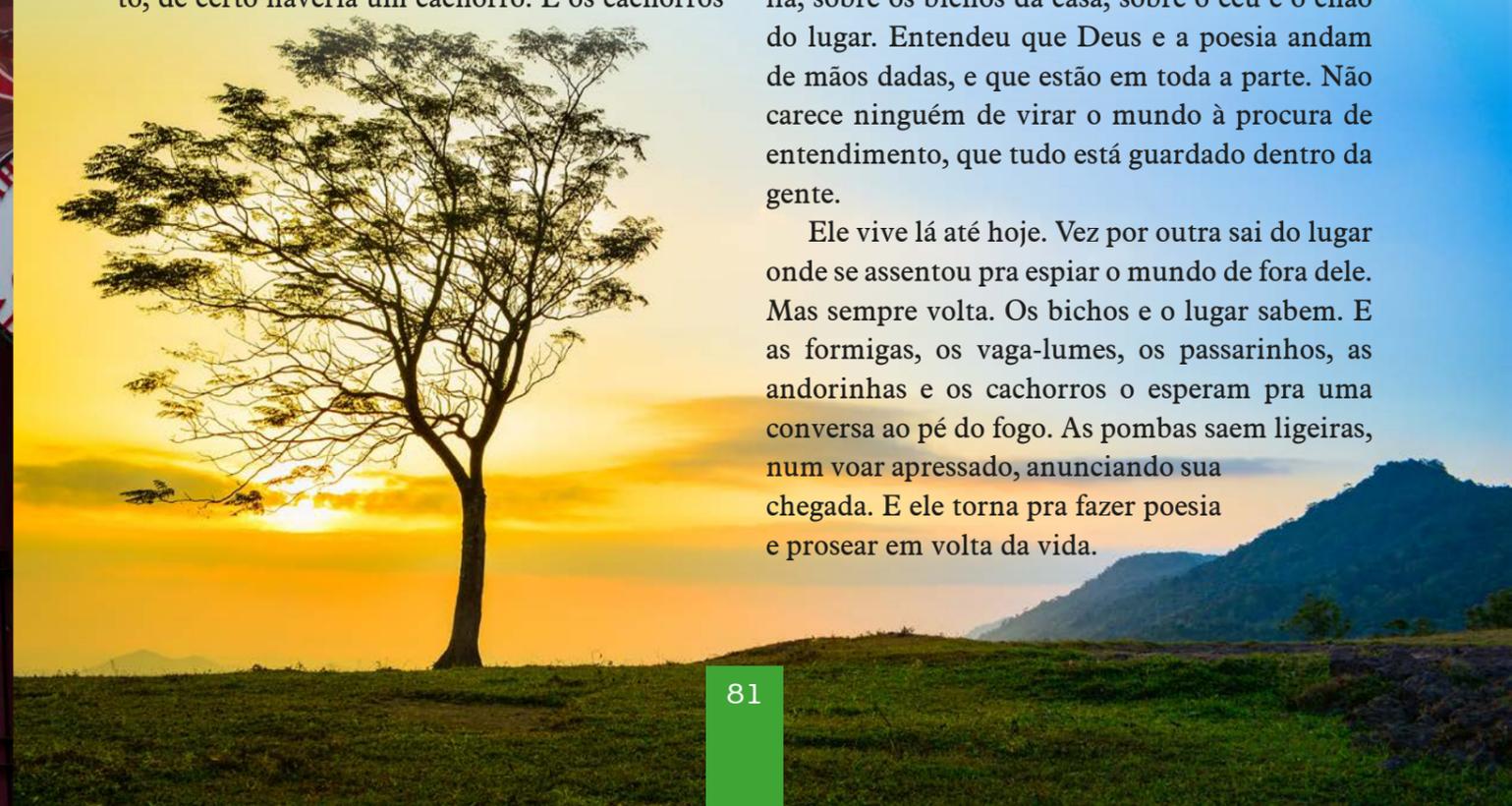
*“Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos” (Manoel de Barros)*

E o homem caminhava só. Em seus ombros apenas o peso leve de um saco quase vazio de pertences, mas recheado de poesia. Uma caneca de lata. Um prato e talheres, também de lata. Uma muda de roupa apenas, que se trocava e lavava a roupa do corpo quando avistava um rio. Sem sabão. Sabão pra quê? Apenas a água fresca. Que cheiro bom é o cheiro da gente mesmo, produto dos matos que se come, das frutas que nos alimentam. Não comia carne, que bicho foi feito é pra fazer companhia pro homem, nessa jornada por esse mundão de meu Deus. E conversava com os bichos. Gostava mais era de bicho pequeno. Era amigo das formigas, dos vaga-lumes, no chão. No céu gostava mesmo era de ver passarinho pequeno, andorinha no horizonte. De pomba não: que pomba só presta é pra cagar na cabeça da gente. Por onde passava, tivesse vida humana por perto, de certo haveria um cachorro. E os cachorros

gostavam dele. Bastava vê-lo passando, lá na estrada, iam correndo ao seu encontro. E lambiam, e cheiravam, absorvendo aquele mundo de vida e de lembranças que ele, em seu corpo, carregava. Conversava e entendia os loucos, que são anjos de Deus, oras, não têm maldade. Louco sente mais as verdades divinas do que quem estuda. Por isso queria ser fraseador, fazedor de versos e de palavras. Inventionice que gostava era dar nome às coisas, ver o mundo de uma forma diferente, misturando sua pureza ao mais áspero cotidiano. Via e aprendia. Aprendia com os bichos, com os loucos. Sua cama era a relva, sua coberta o firmamento. Que as estrelas vão me iluminar e esse manto azul vai me esquentar.

Um dia tornou à casa. Mas não botou enxada na mão: comprou uma caneta e um caderno novo. E tornou a escrever sobre as coisas da família, sobre os bichos da casa, sobre o céu e o chão do lugar. Entendeu que Deus e a poesia andam de mãos dadas, e que estão em toda a parte. Não carece ninguém de virar o mundo à procura de entendimento, que tudo está guardado dentro da gente.

Ele vive lá até hoje. Vez por outra sai do lugar onde se assentou pra espiar o mundo de fora dele. Mas sempre volta. Os bichos e o lugar sabem. E as formigas, os vaga-lumes, os passarinhos, as andorinhas e os cachorros o esperam pra uma conversa ao pé do fogo. As pombas saem ligeiras, num voar apressado, anunciando sua chegada. E ele torna pra fazer poesia e prosear em volta da vida.



## Existindo?

por José Felício  
Escritor, professor e historiador

*Esse mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consoma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo.*

Albert Camus - *O Mito de Sísifo*

Pensar a existência humana é um movimento antigo e percorre desde os pensamentos dos filósofos clássicos até os atuais, sejam eles religiosos ou não. À essa corrente filosófica, dá-se o nome de Existencialismo, não está presente em sua totalidade na Filosofia Clássica - apenas elementos e conjecturas -, mas entre os séculos XIX e XX esse movimento tanto literário quanto filosófico surge inspirado nos trabalhos de Kierkegaard, Jaspers, Nietzsche, Heidegger e Dostoiévski.

Logo vem à mente Sartre, Camus, Kafka, Schopenhauer e Simone de Beauvoir ao pensarmos sobre o Existencialismo, assim como as Filosofias orientais oriundas da Índia, Tibete, China, Japão, entre outros que trazem o Eu e sua existência como causas e condições das alegrias e mazelas do ser humano, nesse caso dissociando de uma ação externa onisciente. Para o Ocidente, ocorre em variados graus, a associação com uma entidade onisciente, onipotente etc., à qual deve-se gratidão pela existência, seja essa existência feliz ou não e por vezes a culpa dos erros são atribuídas a um ser que as propõe.

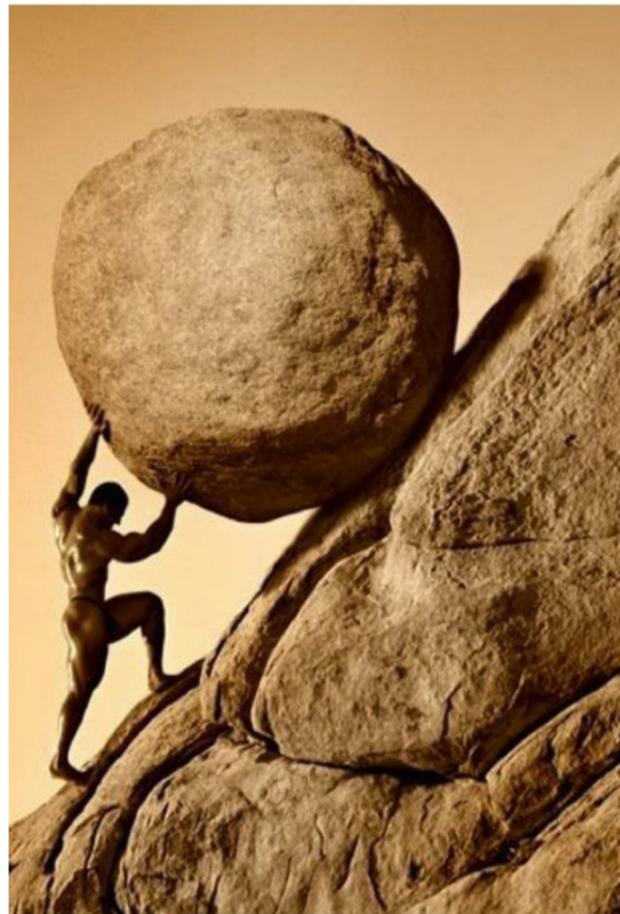
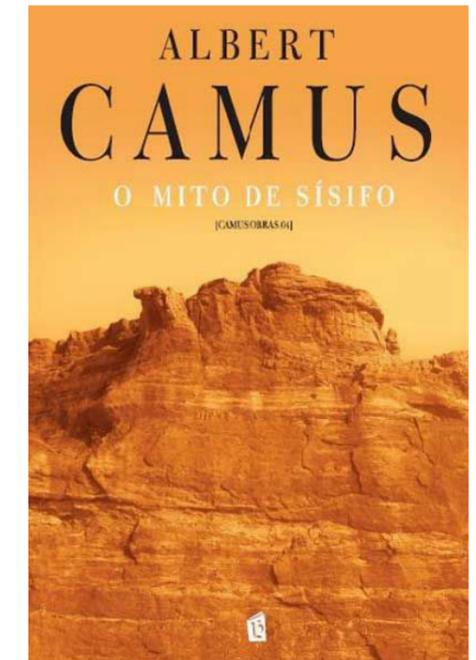


Foto: Divulgação

Conhecer o caminho só é possível percorrendo-o!

**Uma dica de leitura:** *O Mito de Sísifo e outros ensaios*, de Albert Camus.



O pensamento existencialista é complexo e não pode ser resumido em poucas linhas, transita entre o físico e o metafísico, se aprofunda no Ser e na própria Filosofia, racionaliza, reflete, questiona, salta no absurdo, escancara... mas em definitivo não é autoajuda, todavia, ajuda.

Quando puder, pare em frente ao espelho e questione-se:

– Quem Sou EU? – pronuncie em voz alta, com essas palavras.

Mas... não use sua profissão, formação ou emprego como limitantes para a sua resposta, obviamente você é um ser humano (creio eu, pode não ser e não há problema algum nisso, porém, já responderá uma dúvida bem interessante sobre o universo), entre outras possíveis respostas tente ir além do comum.

Questione-se:

– O que EU sei? – pronuncie em voz alta, com essas palavras.

Para existir, talvez seja importante saber quem se é ou ao menos, saber quem se quer ser!



Foto: Divulgação

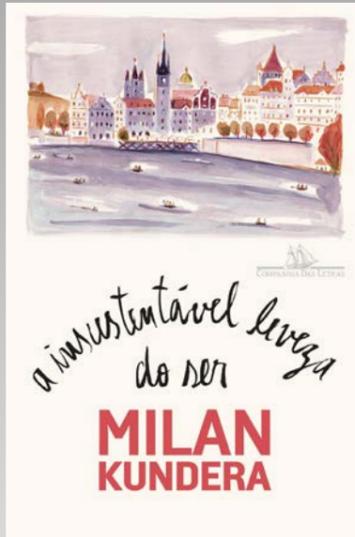
# Um pequeno giro pela Praga de Kundera

por Marco Costa  
Advogado e jornalista

Quem já não ouviu falar do emblemático romance de Tomas, Tereza, Sabina e Franz, ocorrido durante a primavera na cidade de Praga, na atual República Checa, contado no premiado livro do aclamado escritor Milan Kundera, *A Insustentável Leveza do Ser*?

Esse clássico da literatura mundial é que hoje servirá de comparativo para a nossa sugestão de turismo. Através da leitura do romance, em suas entrelinhas, é possível “passear” pelas ruas da capital da República Checa, durante a estação da primavera, ou ainda se transportar para dentro de uma moradia típica da cidade. No ano em que se narra o romance, 1968, o país ainda era conhecido como Tchecoslováquia (cujo nome perdurou de 1918 a 1992) e vivia o impacto de um forte regime político.

O interessante é que tanto a cidade de Praga como o romance em questão tem uma cumplidade, digamos eterna, com o leitor ou com aquele que visita a cidade. E assim como se extrai da narrativa do romance, de uma forma generalizada, como tudo sendo um grande retorno, esse é o desejo da grande maioria das pessoas que visitam Praga: voltar mais vezes!!



O lado bom do turista é que nos dias atuais não se vive mais aquele clima político frenético da época do romance. Atualmente a cidade de Praga é uma das mais visitadas de toda a Europa. A cidade é maravilhosa e são inúmeros os pontos turísticos para serem visitados. Se a cidade de Praga estiver no seu próximo roteiro, caso não conheça, reserve pelo menos de 3 a 4 dias para circular por suas ruas, pontes e praças. E locais interessantes é que não faltam !! Caminhar pelas margens do Rio Moldava é imprescindível !

A exemplo da maioria das cidades europeias, a arquitetura praticamente intocada do centro histórico da cidade nos remete facilmente ao passado. Olhar para um dos edifícios do centro velho ou mesmo àqueles as margens do Rio Moldava (Vitava em Checo) e se transportar para dentro de uma de suas moradias é uma tarefa fácil, como ao ler o trecho do romance onde se narra, de forma sucinta, o novo apartamento da personagem Franz em Praga:

*“ei-lo morando num conjugado da cidade velha, onde sua jovem amante passa quase todas as noites. Não precisam ir para hotéis pelo mundo afora; ele pode fazer amor com ela em seu próprio apartamento, na sua própria cama, na presença de seus livros e de seu cinzeiro que fica em cima da mesinha-de-cabeceira.” (KUNDERA)*

Fotos: Marco Costa





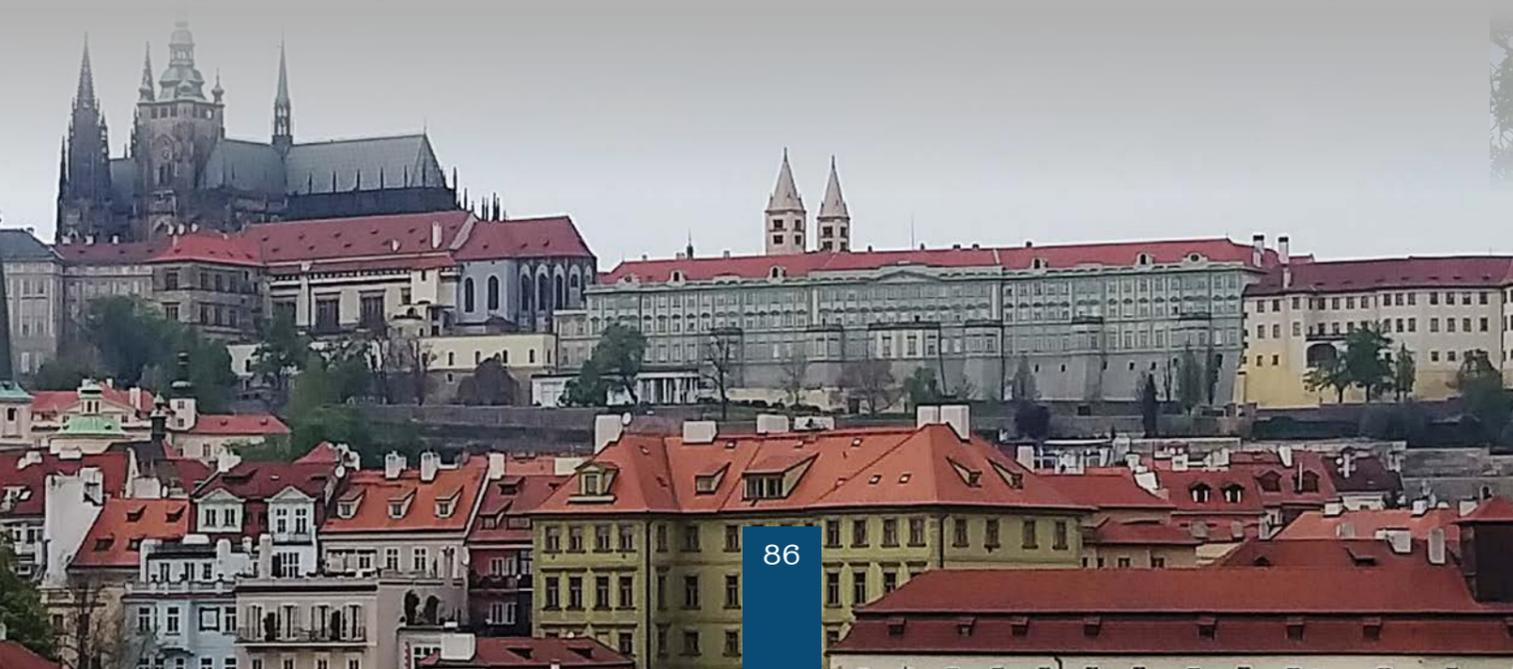
É possível passar horas apreciando a arquitetura dos prédios. Seus relevos, ornamentos e suas cores frias. Como seria viver num apartamento na cidade de Praga?

Estando na cidade, não se canse de sair para caminhar e saborear as suas ruas e praças. Você não precisa caminhar pelas ruas de Praga ao estilo da personagem Tereza, que no romance, numa certa situação, é descrita caminhando carregando um livro debaixo do braço. Mas não se esqueça que ao sair para passear, deverá levar um cartão do hotel, um mapa de bolso da cidade, além de dinheiro e documento, obviamente. Se você não entende a língua nativa ou se tiver dificuldade de comunicação verbal, o cartão do hotel vai servir se precisar pegar um taxi ou que alguém indique a direção que deverá seguir. O mapa da cidade é útil para localizar pontos de interesse ou turísti-

cos. Já o dinheiro, dê preferência por usar cartão bancário. É muito comum na cidade de Praga os estabelecimentos não aceitarem a moeda Euro. Ou se aceitam Euro, na maioria das vezes irão lhe dar troco em Coroas Checas. Se tiver oportunidade, troque alguns euros por coroas Checas para pequenos gastos.

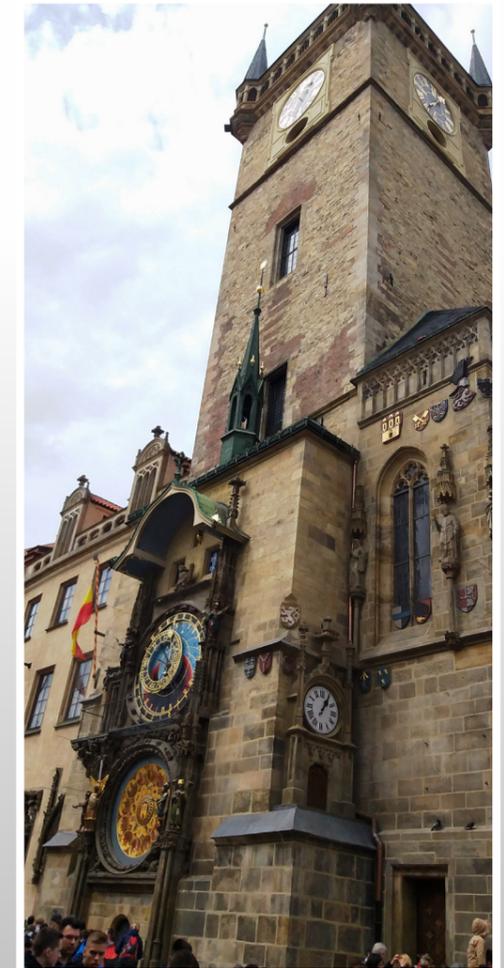
Praga, com suas marcantes ruas de pedras, seus edifícios milenares, suas placas indicativas nos cercam de lembranças de passagens ocorridas no romance comparativo. Não é por menos que a cidade de Praga respira história e poesia. A cidade também já serviu de palco para inúmeros clássicos da sétima arte.

Assim como a leitura do romance se perder pelas ruas da cidade de Praga é uma delícia, além de ser uma experiência única. Certamente você se sentira, no mínimo, com uma leveza de espírito!!



### Sugestões para conhecer em Praga

- Praça da cidade velha com seu relógio astronômico;
- Igreja de São Nicolau, Igreja Nossa Senhora Diante de Týn e Igreja da Nossa Senhora Vitoriosa (Igreja do Menino Jesus de Praga);
- Museu Kafka;
- Ponte Carlos com suas belas estátuas;
- Castelo de Praga e Bairro Judeu (dependendo do seu interesse perde-se um dia nessas duas sugestões de visita);
- Parque Petrín (com subida ao topo por trilha ou funicular);
- Passeio de barco (passeios curtos duram de 1 a 2 horas) Passeios com almoço ou jantar duram mais tempo pois os barcos param nas eclusas em razão dos desníveis do rio Moldava;
- Bairro Malá Strana, o mais charmoso da cidade (vá ao final da tarde e curta o *happy hour* em algum dos seus muitos restaurantes ou *pubs*).



*Sobre este romance, Italo Calvino escreveu: “O peso da vida, para Kundera, está em toda forma de opressão. O romance nos mostra como, na vida, tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza acaba bem cedo se revelando de um peso insustentável. Apenas, talvez, a vivacidade e a mobilidade da inteligência escapam à condenação - as qualidades de que se compõe o romance e que pertencem a um universo que não é mais aquele do viver”*



# A tradição da CEIA DE NATAL

por Maria Teresa Spochiado  
Escritora

Quatro dias para o Natal.

E como boa parte do mundo, deixei as compras para a última hora.

Mas vamos lá, enfrentar o caos em uma livraria não é assim de todo mal.

Enfim, corredores cheios e atendentes ocupados. Peguei o que precisava e me dirigi à fila do caixa.

Claro que, às vésperas do Natal, os sistemas estavam congestionados e bem na minha vez ele resolveu parar.

Espera que espera... e o atendente percebeu que eu estava começando a ficar inquieta. Para me distrair um pouco comecei a puxar conversa.

Falamos sobre os livros que escolhi e quem eu iria presentear, falamos sobre a Ceia de Natal e aí, nesse ponto da conversa, ele fez uma pergunta que me deixou sem resposta:

– Qual a sua tradição culinária para a Ceia de Natal?

E emendou: todos os anos minha mãe faz um assado maravilhoso.

Eu olhei para ele perplexa, dei um suspiro e disse: eu não tenho!

Quando íamos começar a falar sobre o assunto o sistema voltou e a fila já estava bem grande.

Consegui finalizar as compras e já estava saindo quando o atendente gritou para mim lá de dentro da livraria:

– Ei! Não esqueça de iniciar a sua tradição!

Agradei com um aceno e me dirigi ao estacionamento.

Entrando no carro, ajeitei as sacolas e comecei a pensar sobre o que ele havia dito.

Começar uma tradição...

Dizem que a Ceia de Natal ancestralmente



era uma ocasião onde se comemorava o solstício de inverno no hemisfério norte. E depois com o advento do cristianismo, os costumes mudaram, e por toda Europa as pessoas deixavam as portas de suas casas abertas para receber os peregrinos e com eles dividir a comida, cujo significado era relembrar a última ceia de Cristo antes da crucificação.

E assim, em cada canto do mundo, foram se criando infinitas tradições.

Nossa!

Como iria escolher o início da minha?

Resolvi relembrar alguns bons momentos que tive em Natais passados, com pessoas queridas, para ver se acharia ali uma inspiração.

Na casa do Luiz e da Luzia todo Natal havia na ceia uma leitoa assada à pururuca e uma farofa molhadinha... sabores do Brasil.

Na casa do Otávio e da Olivia serviam, entre outras coisas, biscoitos *gingerbread* e peru assado com frutas em calda. Tradição que traziam dos EUA.

Quando visitava a Rita e o Mário, sempre serviam bacalhau em natas e rabanadas. A mãe do Mário era portuguesa.

E na casa da Ana e do Roberto sempre havia Panetone, castanhas e romãs em uma mesa cheia de significados. O Roberto era italiano.

Era tudo delicioso, e cada qual acrescentava ali a sua pitada particular de elementos gastronômicos, culturais e sentimentais.

Complicado.

Já estava frustrada por não ter a mínima ideia de como começar.

Mas aí, de repente, como se a estrela cadente da Árvore de Natal da livraria caísse na minha cabeça, de uma pancada só soltei em voz alta:

– Espera um pouco...

– Já sei por que não tenho uma tradição! É para poder ajudar a manter viva a tradição do outro...

– Sou... uma peregrina do século XXI!

Quantas pessoas a visitar, costumes a conhecer, momentos por partilhar, em torno de uma mesa repleta de histórias, amor e, é claro, de boa comida.

Quem sabe consigo provar aquele assado maravilhoso...

E você? Tem aí a sua tradição para a Ceia de Natal? Conta pra mim! Posso provar?

## Perfume de romã

por Ana Eulinda Marquesim Nóbrega  
Professora e escritora

A tarde estava nublada, o céu encoberto por nuvens acinzentadas à espera de boa chuva! Resolvi passar até o apartamento de mamãe para um leve bate papo e um tomar um chazinho de romã para aliviar a minha voz e amenizar o meu cansaço. Momento de descanso e de amor maternal.

Ao chegar, um carinhoso abraço e um beijo doce que nos acolhe. Seguimos até a sala de estar, a cortina da janela está entreaberta, sento no aconchegante sofá florido e observo a chuva cair lentamente entre as delicadas plantinhas que embelezam a grande sacada. Mas, a que mais se destaca é a formosura da romã, plantada num pequeno vaso para que se torne a mais nobre entre as outras. É o amado “pezinho de romã!”, carinhosamente cuidado por minha mãe.

Tão bela e formosa a romãzeira embeleza ainda mais aquele cantinho com outras de igual glamour: as primaveras, o jasmim, a flor do campo e a dama da noite. Com a chuva e o vento, os perfumes florais se harmonizam como a uma alquimia de odores e cores exalando por toda a sala.

O charme da romã sempre encantou meus pais, principalmente com a chegada do mês de dezembro em que mamãe começa a preparar a casa para o Natal e o “pezinho de romã” é o primeiro a adornar o ambiente. As primeiras flores começam a surgir, tão vermelhinhas e delicadas que ficam escondidinhas entre as pequeninas folhinhas verdes brilhantes. As primeiras romãzinhas se unem uma a outra como duas irmãs e é o destaque da sua singela e singular beleza com

tonalidades marrom escuro e amarelo avermelhado.

À noite, enquanto as luzes coloridas do pisca-pisca da árvore de Natal cintilam, o brilho da Lua realça ainda mais as cores das romãs, intercalado pela suavidade de suas flores e folhas que balançam o cálice coroado de cores acentuadas de carmim e amarelo.

Irresistível romã! Seu sumo é tão doce que até os passarinhos não resistem a sua delícia e formosura! Ao calor de dezembro, elas se fendem e suas sementinhas cor de rosa ficam expostas que não há como ceder à tentação e não as apreciar e as saborear.

Assim como as aves, há uma personagem da Mitologia Grega, Perséfone (deusa da colheita) e filha de Deméter (deusa dos cereais), por não se entregar ao de Hades (deus das profundezas), foi aprisionada por ele e proibida de se alimentar pela única árvore que tinha em seu poder. No entanto, não resistiu a fruta proibida e devorou apenas seis sementinhas, pensando enganar a fome. Hades desolado, permitiu sua ida a vida terrena de 6 em 6 meses, e que estes meses se tornaram o inverno mais rigoroso e triste de toda a Grécia.

Também temos a tradição de no dia de Reis, 06/01, minha mãe e meu pai nos oferecer a Romã, sugar apenas 6 sementinhas e guardá-las na carteira, acreditando que elas a trarão felicidade, prosperidade e amor o ano inteiro.

Há tanto misticismo, crenças e mitos na origem da romã que ela é considerada a relíquia sa-

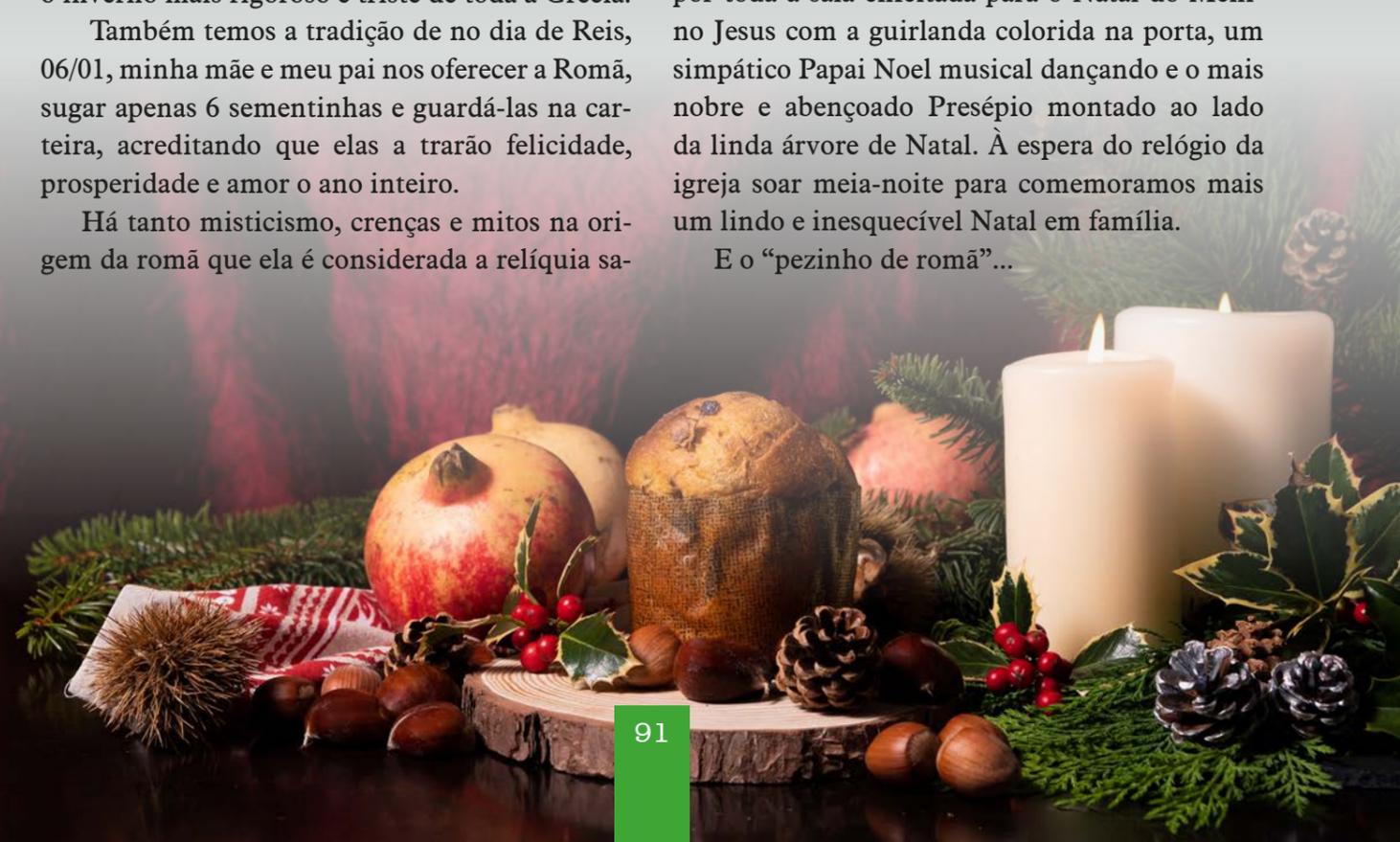
grada da natureza. Há algumas dúvidas entre a Pérsia ou o Irã, mas o que importa é seu sabor, além da sua peculiaridade medicinal em aliviar dores de garganta e até a gripe.

E na arte! Até os pintores a veneram! A contemplação de meus pais pela romã se assemelha às sensíveis pinturas de Caravaggio com a tela “Menino com cestas de frutas” e de Botticelli com o amor retratado em “Nossa Senhora com o Menino Jesus a segurar uma romã”. A sensibilidade presente nestas obras mostra toda a infrutescência que a sagrada romã representa como o fruto divino e adorado por deuses e por seres humanos.

A sua majestade, a romã ainda se torna peculiar em suas 613 sementes, que contadas e recontadas simbolizam os provérbios judaicos gravados no Livro Sagrado Torá, dignificado em cada palavra a retidão e a honradez de um povo cristão.

O chá de romã de tão suave e de leve sabor trouxe-me tanta calma que me fez divagar sobre meigas lembranças, belas histórias e às admiráveis obras de arte. O perfume continua a exalar por toda a sala enfeitada para o Natal do Menino Jesus com a guirlanda colorida na porta, um simpático Papai Noel musical dançando e o mais nobre e abençoado Presépio montado ao lado da linda árvore de Natal. À espera do relógio da igreja soar meia-noite para comemoramos mais um lindo e inesquecível Natal em família.

E o “pezinho de romã”...



## Enfim...

por Gabriela Bonavita  
Escritora

Neste ano aconteceram muitas coisas na rua e poucas dentro de casa. Não, não. Esquece.

Aconteceram muitas coisas em todo lugar. O invisível no ar, intangível, desesperado. O fogo na rua, o grito da minoria, a mão na garganta de quem grita, a porta de casa trancada, a vídeo chamada, limpa a mão, limpa a sacola de mercado, limpa a cabeça, liga pro psicólogo, fala com o amigo, não abre a porta, esquece a rua.

Vai pra rua. Fica em casa. Protesta na internet. Fica em casa. Só mais um mês. Só mais um mês. Só mais um mês. Só mais um mês.

É Natal e os pensamentos flutuam na mesa como o cheiro da comida no forno. De novo as coisas mudaram. O medo diminuiu na rua, mesmo que não tenha diminuído na sala de espera do hospital.

Memória é um pensamento?  
Memória é feita para esquecer.

Presos em  
suas ideologias  
tecnológicas  
enquanto  
seguram  
o garfo...

Mas enfim, o Natal. Minha tia acha que é tudo mentira, meu primo não acha nada, eu vim pela comida, meu irmão pela internet. Presos em suas ideologias tecnológicas enquanto seguram o garfo e contam das doenças, do trabalho, da receita nova de maionese vegana com qualquer outra coisa. As conversas tão mundanas agora servem para deixar de fora o que todo mundo pensa de verdade. E a mesa inteira sabe os ideais e modos de cada um de cada cadeira mas a verdade não vai ultrapassar o cabelo ajeitado especificamente para o jantar. É que ninguém sai mais, sabe?

Mas enfim, o Natal.

Quer dizer, o pensamento.

Esse troço pode ser uma verdade cruel ou uma mentira com imagens e diálogos, que, depois de repetidas tantas vezes, já não se sabe mais o que é inventando e o que é fato.

No entanto, só liga quem está envolvido.

Eu finjo que não me interessa.

Porém nada é de todo ruim, pode ser o começo de um amor.

Sabe, quem nunca sonhou em beijar alguém e quando acorda percebe que não é

uma ideia tão ruim?

Sonhar é um pensamento?

Sabe,  
quem nunca  
sonhou  
em beijar  
alguém...

## O esquecimento é a falta de um pensamento?

As demonstrações em formas virtuais ocupam espaço demais. Contam mais do que deveriam, é o novo jeito de mostrar para o mundo um sentimento, um carinho, uma chama, um grito com a mão na garganta. Ou não. Mas só liga quem está envolvido, eu finjo que não me interessa.

Enfim, o Natal.  
Só mais um mês e vem o Carnaval.  
A esperança é um sentimento?  
Enfim, o Natal.

No entanto, só  
liga quem está  
envolvido.  
Eu finjo  
que não me  
interessa.

...é o novo  
jeito de  
mostrar  
para o  
mundo um  
sentimento...

## O menino e o cata-vento

por Susana Ferretti  
Escritora e poeta

Para Márcio Martelli, ao renascer da revista *JLetras*

Pela janela do passado  
Um menino com seu cata-vento  
Caçava letras de todas as cores,  
Corria por todo o espaço  
Que seus pés e imaginação alcançassem  
Até sentar-se na grama,  
À sombra de um jequitibá,  
Para agrupá-las em palavras.  
Pela janela do passado  
Cresceu o menino  
E guardou no coração  
Palavras definitivas:  
Amor, lealdade, amizade, sentimento e respeito.  
Saiu correndo pelo mundo,  
Querendo viver sonhos mil.  
Ouviu outras tantas palavras doloridas,  
Mas não desistiu de acreditar.  
E foi, passo após passo, encontrando outros cata-ventos,  
Que o ajudaram durante as tempestades.  
Pela janela do presente  
Um homem diante do mundo,  
Desnudando a alma,  
Em campo aberto, diante de tudo,  
Cinzela mais palavras como aquelas,  
Formadas das letras  
Colhidas na brisa da tarde,  
Pela razão de ser poeta  
E ter à sua volta novos sonhos e cata-ventos,  
À sombra do agora frondoso jequitibá.



NÓS NÃO PRODUZIMOS **LIVROS**. NÓS REALIZAMOS **SONHOS!!!**



[www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br)



Não perca o bonde!  
Proxima edição já está a caminho...